

**LUCIANA PEREIRA CARDOZO**

**ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO  
FÍSICA: SIGNIFICADO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE DOS  
EGRESSOS DA FURG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação, linha de pesquisa Formação de Professores: ensino, práticas e processos educativos, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

**Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Maria das Graças C. S. M. G. Pinto**

**Pelotas  
2012**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:  
Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881**

C268e Cardozo, Luciana Pereira

Estágio curricular supervisionado em Educação Física: significado para a formação docente dos egressos da FURG/ Luciana Pereira Cardozo; Orientadora: Maria das Graças C. S. M. G. Pinto. – Pelotas, 2012.

106f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas.

**BANCA EXAMINADORA**

Dra. Maria das Graças C. S. M. G. Pinto (Orientadora/UFPel)

Dr. Flávio Medeiros Pereira (ESEF/UFPel)

Dr. Marta Nörnberg (UFPel)

Dedico este trabalho à minha família pelo incentivo e  
pelo amor que foram fundamentais nesses meses  
incansáveis de estudos.

## **Agradecimentos**

Aos meus pais (Terezinha e Mario) pelo apoio, carinho e pelas palavras de incentivo.

Aos meus irmãos (Alessandro e Leandro) pelos bons exemplos.

Ao meu amor (Walter) pela força e incentivo que nunca deixou faltar, e pela grande paciência de tantas idas e vindas para Pelotas.

À professora Dra Maria das Graças Pinto pela oportunidade, pelas orientações, pelos ensinamentos... E também pelos almoços.

Aos colegas e a equipe diretiva da Escola Sant'Ana pelo apoio, incentivo e compreensão.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas - Estágio e Formação de Professores (GEPEFOP) pelos bons momentos de estudo e descontração.

Aos professores Dr. Flávio Medeiros Pereira e Dr. Marta Nörnberg pelas contribuições neste momento da minha formação.

Às minhas colegas de mestrado, em especial a Gisele, uma grande amiga e parceira, e também a Cíntia que foi uma companhia sempre muito agradável na volta pra casa.

À minha amigona Natália que sempre esteve ao meu lado me dando força.

Aos colaboradores da pesquisa que tornaram possível este estudo.

Enfim, a todos - que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para a realização desta pesquisa – meu agradecimento. Vocês fazem parte dessa vitória!

## **Resumo**

CARDOZO, Luciana Pereira. **Estágio curricular supervisionado em Educação Física: significado para a formação docente dos egressos da FURG**. 2011. 106 F. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas .

O estágio curricular supervisionado (ECS) é um componente obrigatório dos cursos de formação de professores que tem como objetivo central a aproximação do aluno com o seu futuro campo de atuação, nesta etapa, o aluno vai exercer a docência, contando com o auxílio do professor orientador da universidade e em alguns casos, também com o professor da Educação Básica. Neste momento dos cursos de licenciatura começam a surgir dúvidas e incertezas em relação à profissão. Dessa maneira, este trabalho buscou compreender questões acerca dos estágios curriculares supervisionados em um curso de formação de professores. A questão central desta pesquisa busca entender qual a percepção dos egressos do curso de licenciatura em Educação Física (EF), da Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sobre os estágios curriculares supervisionados. O caminho metodológico escolhido foi uma abordagem qualitativa e a entrevista semiestruturada foi o instrumento escolhido para coletar os dados. Colaboraram com esta pesquisa seis egressos da turma 2º/2010 deste curso. Através da análise e interpretação dos dados é possível destacar alguns resultados, dentre eles foi possível perceber que os ECS contribuíram muito para a formação dos egressos; com o desenvolvimento dos estágios os egressos notaram que suas percepções sobre estágio, sobre o curso e sobre o que é ser professor de EF foram se modificando; os egressos destacaram também a grande contribuição da organização curricular que proporciona a realização dos ECS em diversos níveis de ensino e também em ambientes não formais.

**Palavras- chave:** Estágio Curricular Supervisionado; Formação de Professores; Licenciatura em Educação Física.

## **Abstract**

CARDOZO, Luciana Pereira. **Supervised curricular Training in Physical Education: significance for teacher training for graduates from FURG.** 2011. 106 F. Thesis (master's degree) - Graduate Program in Education. Federal University of Pelotas, Pelotas

The supervised curricular stage (ECS) is an obligatory component of teacher training courses that has as a main objective the approximation of a student with their future field of activity, at this stage, the student will be given to teaching, counting with the aid of the advisor of the university and in some cases, also with the teacher of the Basic School. At the moment of degree courses are emerging doubts and uncertainties about the profession. This way, this study aimed to understand issues about the internships supervised by a training course for teachers. The central issue of this research seeks to understand what the perception of ex-students of the course of the degree in Physical Education (EF), the Foundation Federal University of Rio Grande, about the internships supervised. The methodological path chosen was a qualitative approach and the semi-structured interview was the instrument chosen to collect the data. Collaborated with this research six graduates of the class 2 °/2010 of this course. Through the analysis and interpretation of data is possible to highlight some of the results, among them was possible to notice that the ECS greatly contributed to the formation of alumni; with the development of the courses students have noted that their perceptions on stage, on the way and what is it to be a teacher of EF were changing; students also underlined the great contribution of curriculum organization that provides the achievement of ECS in Different levels of education and also in environments not formal.

Key Word: Supervised Curricular Training; Teacher Training; Degree in Physical Education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CES – Câmara de Educação Superior

CNE – Conselho Nacional de Educação

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONSUN – Conselho Universitário

CP – Conselho Pleno

DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais

ECS - Estágio Curricular Supervisionado

EF – Educação Física

ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino

FURG – Fundação Universidade Federal do Rio Grande

GEPEFOP – Grupo de Estudos e Pesquisas – Estágio e Formação de Professores

IES - Instituições de Ensino Superior

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PPP – Projeto Político Pedagógico

RS – Rio Grande do Sul

UFPeI - Universidade Federal de Pelotas

## **LISTA DE APÊNDICES**

APÊNDICE 1 - Carta do orientador de estágio

APÊNDICE 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido

APÊNDICE 3 – Roteiro de entrevista

## SUMÁRIO

<b>1 - O ENCONTRO COM O TEMA .....</b>	<b>12</b>
<b>2 – METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
2.1 - CENÁRIO DA PESQUISA.....	19
2.2. - CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA .....	20
2.2.1. Caracterização dos estágios curriculares supervisionados .....	22
2.3 - COLABORADORES DA PESQUISA .....	26
2.4 - COLETA DE DADOS .....	26
2.5 – ALGUMAS PRODUÇÕES SOBRE O TEMA.....	28
<b>3- FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM DOS CONTEXTOS DOS ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS .....</b>	<b>31</b>
<b>4- ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: ALGUNS ELEMENTOS PARA REFLEXÃO .....</b>	<b>39</b>
<b>5- POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS ESTÁGIOS E PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....</b>	<b>49</b>
<b>6. O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: CONSTRUINDO SIGNIFICADOS NA PERSPECTIVA DOS COLABORADORES DA PESQUISA.....</b>	<b>61</b>
6.1. O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: PERCEPÇÕES ATRIBUÍDAS PELOS EGRESSOS.....	62
6.2. A ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DOS ECS.....	68
6.2.1. Realizando o estágio: momento da regência de classe.....	74
6.3. IMPACTOS DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS SEGUNDO OS EGRESSOS.....	77
6.3.1. Compreensão dos estágios após a regência de classe.....	78
6.3.2. Visão do curso de Educação Física da FURG .....	80
6.3.3. Entendimento do papel do professor de Educação Física.....	82
6.4. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	85

<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>97</b>
<b>APÊNDICES:.....</b>	<b>101</b>

## 1 - O ENCONTRO COM O TEMA

*"Sou o que quero ser, porque possuo apenas uma vida e nela só tenho uma chance de fazer o que quero. Tenho felicidade o bastante para fazê-la doce dificuldades para fazê-la forte. Tristeza para fazê-la humana e esperança suficiente para fazê-la feliz. As pessoas mais felizes não tem as melhores coisas, elas sabem fazer o melhor das oportunidades que aparecem em seus caminhos."  
(Clarice Lispector)*

Nesta etapa do trabalho busco responder os porquês que me levaram a escolher o tema do estágio curricular supervisionado (ECS), acreditando que é através da pesquisa que conseguimos grande parte das respostas para nossas inquietações e incertezas. Para isso, a seguir, abordo um pouco da minha trajetória pessoal que me aproximou, de certa maneira, com o tema deste trabalho.

Nasci no ano de 1986 na cidade de Alegrete/Rio Grande do Sul, sou filha de professores e desde cedo tive contato com a escola, sempre muito estudiosa e pontual. Lembro-me que mesmo no inverno, nos dias de chuva eu não faltava à aula, muitas vezes não havia quase ninguém, mas eu não podia faltar, tinha aquele compromisso com a escola.

Quando acabei a terceira série, me mudei para Rio Grande, cidade onde moro atualmente, e da quarta série até o término do segundo grau, estudei na mesma escola. Toda a minha vida escolar foi vivenciada em instituições públicas. Durante a infância sempre tive contato com materiais como giz, quadro negro e bolas, muitas bolas. Eu adorava brincar de “dar aulas”.

Mesmo com esse vínculo forte com a escola e com a profissão dos meus pais, ambos professores, não pensava em ser professora, admirava-os

por sua dedicação e esforço, mas não me imaginava na profissão, muito menos com a mesma especialidade de meu pai, Educação Física (EF). Por parte deles, o incentivo a seguir uma carreira docente não era grande, pois eles sabiam muito bem dos problemas enfrentados pelos professores em nosso país, mas também nunca me disseram para não ser professora. Como bons pais que são sempre apoiaram minhas escolhas.

Sempre participei, como aluna, das aulas do meu pai, ia aos treinos nas escolinhas de voleibol que ele dava aula, mas sem intenção de me tornar professora de Educação Física, como afirmei anteriormente. Contudo, o gosto pelo esporte, a necessidade de escolher minha profissão aos 17 anos de idade e toda a identificação com a escola, contribuíram com a minha escolha profissional.

Feita a difícil escolha ingressei, no ano de 2005, no curso de licenciatura plena em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Minha graduação foi bastante tranquila, sempre procurei participar dos eventos na área e também fui bolsista de pesquisa. No ano de 2008, com toda a expectativa por ser o último do curso de formação, chegou o momento de estagiar. E agora?

Pelo currículo que vínhamos seguindo, poucas vezes tivemos a oportunidade de estar na escola, conhecendo este espaço tão rico para troca de experiências. Dessa forma, no sétimo semestre iniciamos nossas observações e planejamentos, para então, no oitavo semestre efetivamente realizar o estágio, ficar frente aos alunos na posição de “professor”.

No oitavo semestre, cheguei à escola, com toda a bagagem de quase quatro anos de faculdade e também de um pouco mais de 20 anos de vida. Novamente questionando: O que fazer? Será que as aulas planejadas irão dar certo? E se não derem, o que fazer na hora?

Essas e muitas outras perguntas perpassavam meu pensamento durante algum tempo, durante algumas horas do dia, afinal, todas essas questões já estavam se tornando parte da minha vida.

Com o início do estágio supervisionado e a cada aula pude aproveitar mais essa experiência, as dúvidas foram sendo esclarecidas, as tensões foram diminuindo e ao final pude dizer: Foi uma experiência muito valiosa, levarei na memória a turminha querida de quinta série, a 51, e a professora titular, sempre muito atenciosa e prestativa, cujo vínculo, mantemos até hoje.

Enquanto relembrava os momentos de estágio para justificar aqui minha escolha pelo tema, recordei o meu professor orientador, que no último dia de aula, no momento da apresentação do trabalho final e da entrega do nosso diário de observações, me surpreendeu, positivamente, com uma carta. No momento que me entregou o envelope, pediu que eu só lesse em casa, colocou-o dentro do meu diário. Eu respeitei o seu pedido, mas a curiosidade foi grande e acabei lendo após a apresentação do meu trabalho final, ainda nos corredores da faculdade.

A carta trata da minha trajetória e de minha colega, que era a minha dupla no momento do estágio. Só para esclarecer, éramos muitos formandos e a solução encontrada foi estagiar em dupla, algo que me incomodou, mas no momento era o possível a ser feito. Voltando a carta, ela trazia nossa “história” no estágio e com certeza, após alguns meses de dedicação na escola, foi muito gratificante ler o que o professor conseguiu captar do nosso trabalho. Trago em anexo<sup>1</sup> a carta redigida pelo orientador do estágio.

Recordo positivamente esses momentos do estágio que realizei no curso de Educação Física, apesar de ter achado pouco tempo para regência de classe na escola, foi bastante proveitoso. Com essa experiência e com a minha prática atual foi possível estruturar essa pesquisa sobre os estágios nos cursos de formação de professores.

Após a formatura comecei um ano de estudos e de escolhas. Em 2009 em meio às incertezas de uma professora recém-formada, fui convidada a trabalhar em uma academia de ginástica. Lá experimentei diversas práticas, onde, após um período, constatei que esta não era minha “área”. Não

---

<sup>1</sup> Anexo 1 – Carta do professor orientador de estágio

conseguia me ver professora neste ambiente, talvez pela relação com os alunos e até pela forma como eles me viam, eu me sentia como uma instrutora, facilitadora, mas não professora, aquela que a graduação me formou.

O curso de licenciatura plena em Educação Física da UFPel, apesar de licenciar os alunos a trabalharem nos diversos ambientes em que necessita-se de um professor de Educação Física, a sua ênfase sempre foi voltada à escola. Praticamente só falávamos sobre a atuação nesse espaço durante as aulas, o estágio era realizado na escola, então eu realmente me sinto mais preparada para atuar nesse ambiente do que em outros, como o caso da academia, por exemplo.

Durante o período que trabalhei na academia eu estava sempre pensando no futuro, que eu não queria ficar só com a graduação, pensava no mestrado, em que projeto escrever para a seleção, qual tema seria mais adequado, imaginando se seria capaz que fazê-lo sozinha, mas ao final consegui escrever o projeto e realizar as seleções dos cursos de mestrado.

Então, após uns meses de experiência na academia, ou seja, num campo distinto da escola, resolvi seguir apostando na minha formação, seguir os estudos e ingressar no mestrado. Para continuar minha formação, participei de duas seleções de mestrado na UFPel, tendo ingressado no Programa de Pós-Graduação em Educação na turma do 1º semestre/2010.

Quando comecei a pensar no projeto do mestrado, entre tantos assuntos possíveis, o que estava mais presente era o estágio supervisionado, talvez até porque eu o havia vivenciado há pouco tempo e por considerar este um assunto que traz muitas questões que eu acredito serem importantes na formação do professor. E eu, particularmente, sempre gostei de falar em estágios, de pensar no planejamento e também de ir lá para escola fazer observações, conhecer mais o campo de atuação do professor.

Então, frente a essas questões que surgiram ao longo e após o estágio optei por escolher esse tema para minha dissertação, acreditando que o estágio é um momento crucial para a formação de professores.

Após ingressar no curso de mestrado, fui chamada em um concurso público municipal e comecei a dar aula em uma escola de ensino fundamental. Chegando nesse ambiente me deparo com alguns estagiários do curso de Educação Física, e durante algumas conversas com eles, só aumentava ainda mais o meu interesse em estudar os estágios e parece que esse encontro deu uma força a mais ao trabalho.

Chegar à escola e vê-los com todo o entusiasmo e todos os planos prontos, sem a certeza se estes vão dar certo ou não, rapidamente me remeteu ao meu estágio, e assim as histórias vão se entrelaçando de tal maneira que parece que meu foco de pesquisa não poderia ser outro. Estar com os estagiários na escola, conviver com eles, dividir meu trabalho, ouvir suas expectativas, me traz uma alegria muito grande.

Agora já com o tema bem definido do projeto e também com um estudo mais aprofundado e com diversas discussões acerca dos ECS parece que todo o estagiário que chega lá na escola eu tenho “obrigação” de falar, dar as boas vindas, conversar e mesmo que não seja da minha disciplina, me colocar a disposição. Sinto-me muito à vontade com a presença deles na escola e gosto muito de escutar as experiências que eles estão tendo ao longo dos estágios. Também aprendo com eles.

O estágio supervisionado não deve ser visto como o lócus da formação docente, mas é um momento singular em que os estagiários se veem professores, onde começam a formar suas ideias e opiniões acerca da profissão, ou seja, começam a formar sua identidade profissional.

Outro fator relevante em relação à escolha do tema foi a minha participação em um Grupo de Estudos e Pesquisas - Estágio e Formação de Professores (GEPEFOP). Durante nossos encontros ficava clara a importância de estudar este tema, pois não se encontra muitas publicações com o foco do estágio na formação do professor, o que deu mais força para a realização do meu projeto. No decorrer do trabalho apresentarei alguns dados que mostram essa carência de trabalhos sobre o tema estudado.

Outro fato que justifica a escolha do tema desta pesquisa é o fato do considerável aumento da carga horária de estágio, prevista pela Resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno (CNE/CP) nº 2/2002 que instaura mudanças nos cursos de licenciatura, graduação plena, sendo uma delas a carga horária dos estágios supervisionados<sup>2</sup>. Entendo que este aumento, pode significar a necessidade em compreender mais profundamente como esse componente irá se estruturar nos currículos dos cursos de formação de professores.

Busco então, através da minha pesquisa, compreender **qual a percepção<sup>3</sup> dos egressos do curso de Educação Física, da FURG, acerca dos estágios curriculares supervisionados.**

Para a construção da pesquisa também busco respostas a outras inquietações decorrentes do assunto, são elas: Houve mudança na concepção acerca do estágio após as experiências de regência de classe? O estágio contribuiu para a formação dos egressos do curso? De que forma? Qual a análise dos egressos sobre realizar o estágio (regência de classe) nos diversos níveis de ensino que o curso de Educação Física (licenciatura) ofereceu? Quais as possíveis contribuições e limitações em realizar os estágios nos diversos níveis de ensino?

---

<sup>2</sup> A referida Resolução traz a exigência das 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso.

<sup>3</sup> De acordo com Solomon apud Grinberg (1994) "Percepção é o processo pelo qual as sensações são selecionadas, organizadas e interpretadas".

## 2 – METODOLOGIA

4



Para que fosse possível a realização desta pesquisa que tem como objetivo compreender qual a percepção dos egressos do curso de Educação Física, da FURG, acerca dos estágios curriculares supervisionados, foram feitas opções metodológicas. Definir o tipo de abordagem, o espaço a ser pesquisado, os colaboradores da pesquisa, o instrumento mais adequado para coletar os dados, enfim, desenhei um caminho viável para encontrar as “respostas” as minhas questões iniciais.

Segundo GIL, “a pesquisa é desenvolvida mediante o concurso de conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos e técnicas de investigação científica” (2010, p. 01). O autor ainda comenta que “a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases” (*ibid*, p. 01).

A metodologia adotada nesta pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa (TRIVIÑOS, 1987), onde os passos do trabalho são construídos junto aos sujeitos participantes do estudo.

Acredito que além da abordagem qualitativa meu estudo apresenta traços, de um estudo de caso, pois tem como objeto de estudo um curso com características particulares, com objetivos consideravelmente diferentes de

---

<sup>4</sup> Fonte da imagem: <<http://www.google.com.br/imgres?q=bifurca>>

outros cursos de licenciatura em Educação Física<sup>5</sup>. De acordo com André (2002) os estudos de caso caracterizam-se por um “[...] estudo descritivo de uma unidade, seja uma escola, um professor, um aluno ou uma sala de aula” (p.30).

## 2.1 - CENÁRIO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, mais especificamente no curso de licenciatura em Educação Física. A escolha por esta instituição de ensino superior (IES) se deu devido a FURG ficar localizada em Rio Grande, na mesma cidade onde eu resido, facilitando o contato e a coleta de dados.

Escolhi o curso de licenciatura em Educação Física, por vários motivos, dentre os quais: por ser meu curso de formação, pelo fato do curso ser novo, este foi criado em 2005, entrando a primeira turma em 2006, porque quando ingressei na escola onde eu trabalho atualmente tive a possibilidade de conversar com alunos deste curso que me falaram bastante sobre o desenvolvimento dos estágios curriculares supervisionados.

A seguir trago uma breve caracterização deste contexto, ou seja, da universidade e do curso de Educação Física, para uma melhor compreensão da trajetória a ser percorrida e também para confirmar minhas opções metodológicas.

A Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG) foi instituída no ano de 1969, fica localizada na cidade de Rio Grande, Rio Grande do Sul (RS). No seu projeto político-pedagógico<sup>6</sup> (PPP - 2003) tem por missão “promover a educação plena, propiciando os conhecimentos necessários para o desenvolvimento humano e para a vida em sociedade” (FERIS, 2004, p. 14).

---

<sup>5</sup> Essas particularidades serão apresentadas posteriormente.

<sup>6</sup> Disponível na internet em [www.furg.br](http://www.furg.br)

Esta IES situada no sul do Rio Grande do Sul conta com três campi, sendo eles: Campus Carreiros, Campus Cidade e Campus Saúde. Nestes espaços são oferecidos Ensino Fundamental, Educação Profissional, Graduação e Pós-graduação. Desde sua fundação a FURG contribui para o desenvolvimento, crescimento e expansão do município de Rio Grande e região.

Apresenta no seu PPP os objetivos institucionais (Resolução CONSUN 014/87), que são:

Buscar a educação em sua plenitude, desenvolvendo a criatividade e o espírito crítico e propiciando os conhecimentos necessários à transformação social; formar seres humanos cultural, social e tecnicamente capazes; promover a integração harmônica entre o ser humano e o meio ambiente. (FERIS, 2004, p. 15)

Esta instituição assume a formação de seus educandos a partir de princípios curriculares que privilegiem: intencionalidade; indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; unidade entre teoria e prática; flexibilidade; interdisciplinaridade e contextualização.

Dentre os 24 cursos de licenciatura oferecidos pela FURG está o curso de Educação Física.

## 2.2. - CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA

O curso de licenciatura em Educação Física foi criado no ano de 2005, segundo a deliberação Nº 009/2005<sup>7</sup>, que indica como perfil do profissional a busca do exercício indissociável do ensino, da pesquisa e da extensão, com base em conhecimentos de natureza cultural, técnica e científica, visando a produção de conhecimento, considerando as diferentes manifestações e expressões do movimento corporal humano, possibilitando-lhe uma intervenção

---

<sup>7</sup> Deliberação nº 009 em 17 de junho de 2005 dispõe sobre a criação do curso de licenciatura em educação física.

crítica na sociedade. O mesmo perfil está contemplado no projeto político pedagógico da FURG.

Nesta IES o curso de EF – licenciatura tem regime semestral, é noturno, sendo abertas 30 vagas por ano (ingresso único), tem a duração de quatro anos e confere a titulação de licenciado em Educação Física.

Os egressos poderão atuar, a partir da formação oferecida pelo curso, e respeitada a legislação em vigor, em qualquer espaço que necessite da intervenção de um professor de Educação Física, seja intervindo no âmbito escolar ou não escolar, que estão explicitadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de graduação em Educação Física.

A proposta da licenciatura em Educação Física da FURG traz algumas singularidades, deixando o curso com características bem específicas. Na deliberação Nº 009/2005 fala que o curso terá como importante enfoque a Corporeidade, entendida como toda e qualquer organização, seja de ordem material ou cultural e que se refere às diferentes formas de manifestação e relações que envolvem o corpo.

A corporeidade e o movimento humano serão os elementos centrais na problematização e convergência das disciplinas, que têm como objetivo a formação do professor de EF, qualificando-o para a atuação docente. Desta maneira, a corporeidade não só permeará a constituição das disciplinas, mas fará o entrelaçamento dos diferentes enfoques e possibilidades que permeiam a atuação docente nesta área de conhecimento.

Um aspecto importante a ser destacado na deliberação deste curso é o comprometimento com a formação profissional que além de se pautar pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e estar permeado pela perspectiva da corporeidade, baseia-se e se estrutura no compromisso efetivo de desenvolver uma formação geral e sólida na área pedagógica, com aprofundamento na docência e na atuação escolar, buscando qualificar o futuro licenciado em Educação Física para analisar criticamente a realidade social.

Pode-se perceber que no trecho acima se fala em “aprofundamento na docência e na atuação escolar” e não somente preparação para o exercício da docência. Uma das singularidades do curso de Educação Física da FURG se encontra justamente no fato de ser uma licenciatura que prepara para além da atuação escolar, é um curso voltado para formação geral, onde seu aluno poderá atuar em diferentes áreas após o término da graduação.

Para explicitar essa singularidade trago outro trecho da deliberação Nº 009/2005 onde fala que, “independente do campo de atuação, a formação do professor deve expressar no seu currículo uma valorização tanto dos componentes pedagógicos como os de formação geral”.

Para um melhor entendimento da estrutura do curso trago abaixo um quadro<sup>8</sup> com a carga horária total do curso<sup>9</sup>:

Disciplinas	Carga Horária Mínima	Número de Créditos
Obrigatórias	2085	139
Optativas	420	28
Estágio Curricular Supervisionado	420	28
<b>TOTAL</b>	<b>2925</b>	<b>195</b>

### 2.2.1. Caracterização dos estágios curriculares supervisionados

Após uma breve definição da FURG e do curso de Educação Física em geral, trago características dos estágios supervisionados neste curso, levando-se em conta o foco deste estudo. Também situo os momentos que antecedem

<sup>8</sup> Quadro retirado da Deliberação nº 009/2005 do curso de Educação Física

<sup>9</sup> Na caracterização do Curso de Educação Física apresento poucos detalhes, pois não existia, no momento da construção deste trabalho, o Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física. Utilizei como base para descrição a Deliberação nº 009/2005 do Curso que era o que o “regulamentava”.

os ECS, os pré-estágios concordando que estes auxiliam o estagiário no momento de efetivamente entrar na sala de aula.

O curso de licenciatura em EF estrutura seus estágios supervisionados em quatro etapas: o estágio I, o estágio II, o estágio III e o estágio IV. Os estágios começam a partir do 1º período<sup>10</sup> do 3º ano do curso, cumprindo o que prevê a Resolução CNE/CP nº 2/2002 que orienta que as 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado iniciem a partir do início da segunda metade do curso.

Um aspecto curioso no currículo deste curso, no tocante às atividades de estágio, diz respeito aos componentes obrigatórios denominados de pré-estágio I, II, III e IV que iniciam respectivamente, no primeiro, segundo, terceiro e quarto semestres do Curso e preveem atividades, normalmente, compreendidas como sendo de estágio (mesmo quando denominadas de pré-estágio). Nesses casos, em geral, a carga horária desses componentes nomeados de pré-estágio são incorporadas aquela do componente estágio, o que não é o caso da FURG. Essas disciplinas, no curso de EF desta instituição, apesar de denominadas de pré-estágios, têm sua carga horária incorporada às disciplinas obrigatórias com 35h teóricas, acrescidas de 10h de prática como componente curricular<sup>11</sup>. Esta situação é mais uma particularidade do curso. Apesar da carga horária dos pré-estágios não serem contabilizadas para os estágios, trago a seguir a caracterização destes, pois acredito na importância destes antecessores do estágio.

O pré-estágio I, tem por objetivo a inserção na realidade educacional, observando e identificando os diferentes locais onde acontece a Educação Física. Neste momento os alunos terão uma idéia do seu futuro campo de atuação profissional, das possibilidades existentes.

---

<sup>10</sup> Denominação também conhecida como semestre.

<sup>11</sup> As 10h de prática são somadas aquelas das outras disciplinas que têm dimensão prática, totalizando as horas de prática pedagógica, outro componente curricular obrigatório em cursos de formação de professores. A deliberação do curso de educação física da FURG apresenta em sua carga horária 470 horas de prática pedagógica.

Logo a seguir, no 2º período do primeiro ano é a vez do pré-estágio II, bastante semelhante com o pré-estágio I, neste os alunos além de se inserirem na realidade educacional deverão observar e analisar o funcionamento das instituições onde acontece a Educação Física.

No segundo ano do curso os acadêmicos devem realizar os pré-estágios III e IV, onde terão por objetivo se inserir nos campos de estágio, planejando, organizando e experimentando atividades inerentes a prática de um profissional de Educação Física, além de participar das ações pedagógicas e analisar os processos de ensino-aprendizagem vivenciados.

Nota-se a preocupação do curso em aproximar seus alunos com seus futuros ambientes profissionais. Então nos dois primeiros anos os alunos vão, gradativamente conhecendo, observando a escola principalmente, e também os demais espaços de atuação do profissional de Educação Física.

Partindo dessa observação detalhada sobre o espaço da escola o estagiário tem melhores condições de realizar seu planejamento e de colocá-lo em prática alcançando o êxito. É preciso que além de um bom planejamento se realize uma boa intervenção. Sobre o tema PINTO (2002) diz que “a qualidade da intervenção é garantida pela permanente reflexão da prática pedagógica” (p.37).

Seguindo a grade curricular do curso no terceiro e quarto anos são realizados os estágios curriculares supervisionados, os quais são os objetos de estudo deste trabalho. O curso de EF oferece quatro estágios, sendo que destes três são realizados em espaços formais e um em espaço não formal<sup>12</sup>.

No primeiro período do terceiro ano do curso os acadêmicos realizam o estágio I que apresenta em sua ementa os seguintes objetivos: estudos, proposição e experimentação de práticas profissionais, com ênfase nas vivências supervisionadas em espaços não escolares. Logo a seguir, no segundo período do mesmo ano os alunos realizam o estágio II, este tem

---

<sup>12</sup> São considerados espaços formais as escolas e espaços não formais ambientes como, por exemplo, academias, clubes, projetos abertos à comunidade, entre outros espaços que necessite de um profissional de educação física.

objetivos bastante semelhantes com os do estágio I, apenas com o diferencial que as vivências supervisionadas são na educação infantil e anos iniciais.

Chegado o último ano ainda restam dois estágios para serem feitos. No primeiro período do quarto ano realiza-se o estágio III, que tem por objetivo estudos, proposição e experimentação de práticas profissionais, com ênfase nas vivências supervisionadas nos quatro últimos anos do ensino fundamental. Por fim, o estágio IV marca o término deste período de vivências dentro e fora da escola, este trabalha com vivências supervisionadas no Ensino Médio e no Ensino Superior.

É possível perceber que ao longo dos estágios curriculares supervisionados, o curso apresenta mais elementos que o tornam singular, pois além de trabalhar no âmbito escolar e não escolar, trabalha nos diferentes níveis de ensino, de forma progressiva, ou seja, desde os anos iniciais até o ensino superior.

Apenas para reforçar os traços particulares desta licenciatura, que aproximam a pesquisa de um estudo de caso, trago: a preocupação em formar um profissional completo, para além do exercício da docência; a formação sempre em torno das questões da corporeidade; a realização de 4 estágios (1 em espaços não-escolares e 3 em espaços escolares) e também a realização de 4 pré-estágios que não contam na carga horária dos estágios apesar de desenvolverem atividades relacionadas aos estágios, entre outras características acima citadas tornam o curso de Educação Física da FURG um caso particular a ser estudado.

O curso, as disciplinas, as experiências adquiridas ao longo da graduação, tudo isso, deve convergir para o estágio curricular supervisionado, pois é neste momento que o aluno vai ter a certeza das suas escolhas, é a hora de se colocar na posição de professor, momento de deixar de lado as incertezas e partir para a ação docente.

### 2.3 - COLABORADORES DA PESQUISA

Os colaboradores desta pesquisa foram seis egressos da segunda turma do curso de Educação Física da FURG. Considerando o foco da pesquisa, optei por ouvir os egressos, já que estes teriam realizado todos os estágios tendo uma perspectiva mais global deste componente curricular.

Um dos critérios utilizados para a escolha destes sujeitos foi de que estes tivessem se formado na mesma turma e foi escolhido o segundo semestre de 2010, pois é o ano que teve alunos egressos, no momento da coleta de dados. Penso que sujeitos da mesma turma, que realizaram os estágios na mesma época, tiveram experiências e vivências semelhantes, que têm o mesmo tempo de formados, e isto, pode contribuir para imprimir certa homogeneidade de oportunidades a estes e por sua vez, condições mais próximas entre eles para participarem como colaboradores da pesquisa.

O grupo de egressos entrevistados foi misto, contando com dois homens e quatro mulheres, são adultos jovens, para alguns o curso de licenciatura em EF foi o primeiro curso de graduação e para outros essa formação veio complementar outra graduação e outras experiências de docência.

Dos egressos que foram entrevistados, um já tinha magistério e curso de licenciatura (Letras), outro já havia cursado Bacharelado em Educação Física e outro já trabalhava como professor em um curso de língua estrangeira. Os demais egressos não fizeram referência a nenhuma formação além do curso de licenciatura em Educação Física.

### 2.4 - COLETA DE DADOS

Para reunir os dados e efetivar a investigação proposta adotei como técnica de pesquisa a entrevista individual e utilizei entrevistas do tipo semiestruturada, já que estas podem garantir ao pesquisador

[...] certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

O momento da coleta de dados, neste caso, através da entrevista, é de certa forma delicado, é preciso que o pesquisador se sinta seguro e também que o entrevistado sinta-se à vontade para que a entrevista transcorra sem problemas e ao final possa gerar dados consistentes para o pesquisador. Sobre o momento da entrevista SZYMANSKI (2004) fala que

A intencionalidade do pesquisador vai além de mera busca de informações; pretende criar uma situação de confiabilidade para que seu entrevistado se abra. Deseja instaurar credibilidade e quer que o interlocutor colabore, trazendo dados relevantes para o seu trabalho (2004, p. 12).

Sendo assim, o pesquisador deve ter claros seus objetivos na hora da entrevista, mas ao mesmo tempo deve estar aberto a possíveis questionamentos que podem ou não emergirem ao longo da conversa, deixando sempre o entrevistado instigado a falar de assuntos que permeiam a questão central, dando assim mais elementos para análise.

As entrevistas realizadas com os colaboradores foram previamente agendadas e, com o consentimento deles, gravadas, para depois serem transcritas. Procurei manter um contato antes da coleta de dados para que os sujeitos se sentissem à vontade no momento da entrevista, também estive à disposição caso eles tivessem alguma dúvida ou houvesse desistência da participação na pesquisa.

Após realizar a coleta de dados e as transcrições das entrevistas, confeccionei um quadro com o objetivo de emparelhar e olhar de forma clara as falas de cada entrevistado, para posteriormente analisar e comparar. Para montar o quadro utilizei uma coluna com as perguntas da entrevista e outra com o nome e as repostas de cada egresso entrevistado. Esse método fez com que eu pudesse ter um olhar geral e sistematizado dos dados da entrevista.

## 2.5 – ALGUMAS PRODUÇÕES SOBRE O TEMA

A revisão bibliográfica é parte essencial de um estudo, pois é através dela que o pesquisador realiza o levantamento dos dados já produzidos a respeito de seu tema de estudo, aqui neste trabalho são basicamente os estágios curriculares supervisionados. É importante fazer um bom levantamento sobre os trabalhos já produzidos na área para que, primeiramente, o pesquisador tenha um bom embasamento teórico e também para poder se apoiar nos dados no momento de justificar suas escolhas sobre o tema da pesquisa e também sua relevância.

A busca de bibliografias sobre o tema de estudo deve abranger tanto os autores considerados clássicos no assunto quanto os trabalhos recentes que estejam sendo produzidos na área, faz-se um levantamento tipo Estado da Arte, para que o pesquisador possa ter uma visão ampla do seu tema de pesquisa. Neste caso, busquei informações em um dos eventos mais reconhecidos na área da educação, o Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Analisei também as revistas Educação e Sociedade e a Revista Brasileira de Educação<sup>13</sup>. Fiz um levantamento dos grupos de pesquisa no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Busquei encontrar nos títulos a expressão “estágio curricular supervisionado” e quando encontrava expressões semelhantes que remetessem ao tema como, por exemplo, formação de professores, analisava então o trabalho para ver se tratava ou não dos ECS ao longo do texto.

Em levantamento feito nos artigos publicados na Revista Brasileira de Educação, entre os anos 2000 e 2010 (1º trimestre) foi possível identificar, entre 320 artigos, apenas 9 que trazem em seu título “formação de professores”, sendo que nenhum destes enfoca o estágio supervisionado na formação docente.

---

<sup>13</sup> A escolha por essas duas Revistas se deu devido ao grande reconhecimento destas no meio acadêmico e também por tratarem da educação de forma geral, não focando apenas em uma área.

Seguindo o levantamento, busquei entre os anos de 2000 e 2010 os artigos da revista Educação e Sociedade, onde novamente não foi possível identificar um volume significativo de trabalhos que tratassem da temática formação de professores e/ou estágio curricular supervisionado.

Nestes dez anos de publicações da revista Educação e Sociedade, foram escritos 18 artigos que trazem em seus títulos as expressões “estágio supervisionado” e “formação de professores”, pode-se considerar um número bastante baixo se levarmos em consideração a importância do tema e os inúmeros artigos publicados nestas revistas da área da educação.

Na busca feita no mês de agosto do ano de 2010, no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq, observei que existem de 3 a 18 grupos de pesquisa quando se procura com os descritores estágio supervisionado, estágio curricular, estágio e formação, dentre outros. Dos grupos que aparecem apenas três tratam do estágio supervisionado em suas pesquisas, apesar de muitos fazerem referências em seus títulos.

Nos trabalhos referentes aos painéis do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE) de 2006, 2008 e 2010, encontram-se diversos artigos fazendo referência a formação de professores, mas poucos títulos tratam do estágio curricular supervisionado. Nos anais do ENDIPE de 2006 aparece a expressão estágio em 21 títulos, no de 2008 em 29 títulos e no de 2010 em 49 títulos, sendo que nenhum desses títulos fazia alusão ao curso de Educação Física especificamente.

De forma geral, o ENDIPE proporciona a discussão da temática formação de professores, porém o estágio curricular supervisionado, segundo o número de trabalhos apresentados, é pouco discutido no evento, entretanto a cada ano tem aumentado o número de títulos apresentados o que pode ser um alerta para a importância de estudar o ECS relacionando-o com a formação de professores.

Sendo assim, ressalta-se a necessidade de novos estudos a respeito da importância do estágio curricular supervisionado para a formação do licenciado,

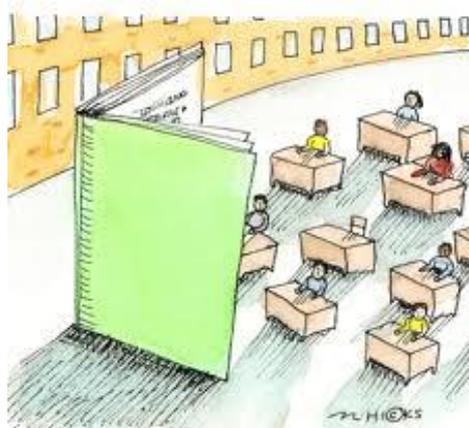
por isso, busco em minha pesquisa ouvir a opinião dos egressos de um curso de licenciatura a respeito dos ECS para a sua formação profissional.

Assim como os dados levantados nas revistas, eventos e grupos de pesquisa serão utilizados também alguns autores que discorrem em seus livros e trabalhos sobre estágio supervisionado, formação de professores, dentre eles: PIMENTA e LIMA, 2008; KRUG, 2008; PIMENTA, 2006; ARROYO, 2009; GARCIA, 1999; PICONEZ, 1994, etc.

Entretanto, este levantamento não teve a pretensão de ser conclusivo, pois o Estado da Arte apresentado anteriormente é pouco ampliado, servindo de base para este trabalho. Evidente que esta pesquisa também não esgota o assunto, nem tem essa ambição, mas poderá trazer contribuições significativas para futuros projetos relacionados com o tema.

### 3- FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM DOS CONTEXTOS DOS ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS

14



O tema formação de professores tem sido bastante recorrente entre os pesquisadores, aqui neste trabalho, a formação inicial, está sendo abordada por ser o eixo no qual o ECS se integra e como o foco do trabalho é analisar qual a percepção dos egressos do curso de Educação Física, da FURG, acerca dos estágios curriculares supervisionados, compreender, mesmo que brevemente, aspectos mais amplos que envolvem os estágios, dentre eles, a formação inicial, parece ser uma necessidade.

Sendo assim, para uma melhor compreensão da expressão “formação de professores”, inicio trazendo algumas considerações acerca do termo formação, para depois ao longo do texto, falar mais especificamente em formação de professores de Educação Física.

Penso que formação é um processo, é uma ação intencional que tem objetivos definidos. Estamos sempre em processo formativo, e essa formação envolve tanto nossa dimensão pessoal quanto a profissional. Quando estamos em um curso de formação de professores muitas vezes pensamos apenas na formação profissional, mas conseqüentemente estamos em processo de formação pessoal também.

---

<sup>14</sup> Fonte da imagem: <[www.google.com.br](http://www.google.com.br)>

Do ponto de vista de Ferry (*apud* GARCIA, 1999, p.19) “formar-se nada mais é senão um trabalho sobre si mesmo, livremente imaginado, desejado e procurado”. Conforme dito anteriormente, a formação é algo propositado, na qual o sujeito tem a intenção de formar-se, ele busca atingir determinados objetivos através desta formação, neste caso, falamos em formação de professores.

O autor Garcia (1999) discute alguns conceitos de formação em sua obra intitulada *Formação de professores – para uma mudança educativa*, e diz que:

Em primeiro lugar, a formação, como realidade conceptual, não se identifica nem se dilui dentro de outros conceitos que também se usam, tais como educação, ensino, treino, etc. Em segundo lugar, o conceito formação incluiu uma dimensão pessoal de desenvolvimento humano global [...]. Em terceiro lugar, o conceito formação tem a ver com a capacidade de formação, assim como com a vontade de formação. Quer dizer, é o indivíduo, a pessoa, o responsável último pela activação e desenvolvimento de processos formativos [...]. É através da interformação que os sujeitos – neste caso os professores – podem encontrar contextos de aprendizagem que favoreçam a procura de metas de aperfeiçoamento pessoal e profissional (1999, p. 21-22).

Para que o sujeito se forme e se torne o principal personagem deste processo formativo ele deve estar envolvido, deve desejar esta formação. Mas, diante disso, não devemos esquecer o papel do formador, que também é primordial na constituição do sujeito, seu trabalho é de fundamental importância neste processo.

Assim, para que possamos entender, de uma maneira geral, a expressão formação de professores, cabe falar também sobre o professor. Pimenta e Lima trazem em seu livro *Estágio e docência* uma passagem que define o professor, dizendo que:

O professor é um profissional do humano que ajuda o desenvolvimento pessoal e intersubjetivo do aluno, sendo um facilitador de seu acesso ao conhecimento; é um ser de cultura que domina sua área de especialidade científica e pedagógico-educacional e seus aportes para compreender o mundo; um analista crítico da sociedade, que nela intervém com sua atividade profissional [...] (2008, 88).

Diante da definição das autoras pode-se afirmar que o papel do professor vai muito além do ensinar. Este profissional trabalha com seres

humanos, que se relacionam e aprendem de maneiras distintas e este deve ter conhecimentos necessários para lidar com essas diferentes situações. O professor, fora da sala de aula tem que realizar planejamentos, correções, planos de aula, conversar com os pais, entre outras tarefas além de simplesmente ensinar.

Devemos ver neste profissional da educação um ser que deve permanecer atento aos fenômenos sociais que estão ocorrendo, deve estar também e principalmente, atento as diferenças cada vez mais postas dentro da escola. Então não podemos reduzir o trabalho deste sujeito ao ato de ensinar, sua função docente vai além de dominar os conteúdos de sua área de especialidade, e como falam as autoras ele deve ser mesmo um *facilitador*.

Para Ibernón (2001) ser um profissional da educação significará participar na emancipação de pessoas (p.28). O autor diz ainda que a educação tem como objetivo “ajudar a tornar as pessoas mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social” (2001, p.28).

Após essa breve definição dos termos formação e professor, agora podemos falar na expressão “formação de professores” e ver como esta tem sido pensada por autores da área educacional e como tem sido tratada e realizada nos cursos de licenciatura.

A formação de professores não se dá de forma individual e acabada, levemos em consideração que quando estamos em um determinado curso de formação e acabamos este, não estamos prontos, apenas concluímos uma etapa. Em um curso de formação de professores podemos dizer que concluímos a formação inicial, mas esta formação seguirá por toda a carreira docente. De acordo com Medina e Domínguez devemos considerar

[...] a formação de professores como a preparação e emancipação profissional do docente para realizar crítica, reflexiva e eficazmente um estilo de ensino que promova uma aprendizagem significativa nos alunos e consiga um pensamento-acção inovador, trabalhando em equipa com os colegas para desenvolver um projecto educativo comum (*apud* Garcia, 1999, p. 23).

Concordando com as ideias dos autores precisamos ver a formação do professor realmente como uma preparação profissional e não como uma

formação que vai deixá-lo moldado, pronto para trabalhar. A partir da formação inicial concebida pela IES este profissional vai criar seus métodos de ensinar, vai escolher seus caminhos e ao longo da carreira vai se formando professor, irá encontrando formas significativas de desenvolver seu trabalho no dia-a-dia. Evidentemente a formação inicial não dará conta sozinha de formar o professor, mas devemos considerá-la como uma parcela bastante significativa no conjunto total da formação.

O processo formativo envolve diversos fatores além do aluno e da universidade. A formação inicial é um conjunto de acontecimentos e ações temporais que ocorrem durante o período da graduação, que são marcadas pelo projeto pedagógico do curso, pelas concepções do que é ser professor para este curso, pelas metodologias dos professores formadores, entre outros fatos que desenham a formação deste aluno. Assim, cada curso ou cada IES tem sua maneira de fazer e pensar a formação inicial de seus licenciandos.

Pimenta e Lima falam da formação inicial do professor que

[...] por melhor que seja, não dá conta de colocar o professor à altura de responder, por meio de seu trabalho, às novas necessidades que lhe são exigidas para melhorar a qualidade social da escolarização (2008, p. 89).

Então o professor recém-saído de sua formação inicial, está começando sua caminhada já em busca de soluções para a melhora do ensino. Vejo que as universidades não têm condições de dar suporte para as inúmeras situações-problema que os futuros professores irão enfrentar. E as IES nem conseguiriam, pois é na prática, na vivência cotidiana da escola que vão emergindo diversas situações que cada professor terá que encontrar a sua maneira para solucionar.

Imbernón discorre a respeito das transformações e adequações que os professores passam ao decorrer da carreira, deixando claro que o docente é um sujeito que deve estar sempre receptivo as novas tendências e mudanças educativas, fala que:

Os futuros professores e professoras também devem estar preparados para entender as transformações que vão surgindo nos diferentes campos e para serem receptivos e abertos a concepções

pluralistas, capazes de adequar suas atuações às necessidades dos alunos e alunas em cada época e contexto (2001, p.61).

Já Nóvoa no quesito formação de professores, traz uma questão de extrema importância que diz respeito às dimensões pessoal e profissional da profissão docente. Sobre estas dimensões ele fala que “é tempo de os professores pensarem em formar-se, assinalando o -se as dimensões pessoais (o *eu* indivíduo) e as dimensões profissionais (o eu coletivo) nas quais este processo deve alicerçar-se” (2003, p.39).

Pensar na formação docente implica o sujeito pensar em si, no que ele deseja formar-se, em que professor ele deseja se transformar e também necessita pensar nesse “eu coletivo”, como lidar com os colegas de profissão, quais posturas assumir diante de determinadas situações, refletir sobre a profissão docente implica em inúmeros fatores.

De outro lado, os cursos de licenciatura não são devidamente valorizados em nossa sociedade, a profissão “professor” não é vista como uma atividade de prestígio social, pelo contrário, está longe de encontrar-se no rol das atividades (profissões) nobres. Discorrendo sobre o magistério, Arroyo, em seu livro *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*, fala das características atribuídas pela sociedade à profissão de professor, dizendo que:

A imagem que a sociedade nos passa do magistério como uma ocupação fácil, feita mais de amor, de dedicação do que de competências, essa imagem desastrosa, mas tão divulgada, vem colar com a auto-imagem de despreparo que foram acumulando os adolescentes e jovens dos setores populares (2009, p.127).

Alia-se a essa imagem do magistério a condição social de grande parte dos licenciandos em nosso país, que são jovens e adultos oriundos de camadas populares, que, muitas vezes para poderem estudar passam boa parte do dia trabalhando, utilizando as palavras da Arroyo (2009, p.127) “estudar para trabalhar”. Tal situação dificulta ainda mais os estudos dessa camada da população, que acaba afastando-os da cultura acadêmica e conseqüentemente isso influenciará na formação dos nossos futuros professores, construindo assim a imagem do magistério.

O desprestígio sofrido pelos cursos de formação de professores (licenciaturas) reflete diretamente na falta de status destes cursos nas universidades, causando uma relação de desprestígio ainda maior, além da desvalorização sofrida pela sociedade, as licenciaturas ocupam um espaço secundário nas IES. Ainda nessa relação de valores, dentro das licenciaturas as disciplinas tidas como pedagógicas são consideradas, em muitos cursos, como menos importantes do que as de conhecimento específico.

A respeito das relações entre a formação pedagógica e a formação específica, Pimenta e Lima citam uma pesquisa realizada por Guimarães (2001) que relata o desprestígio das disciplinas pedagógicas dentro dos cursos de formação de professores, trazendo os seguintes dados:

[...] a formação específica, em geral, promove no aluno segurança para a atuação no magistério. No entanto, os alunos pesquisados reconheceram que seus cursos garantiram a qualidade teórico-científica, mas o aprendizado de ser professor foi adquirido por eles quase sozinhos [...] (Guimarães *apud* Pimenta e Lima, 2008, p. 66).

Pensando no currículo das licenciaturas, de uma forma geral, deveríamos ver uma sintonia entre todas as disciplinas elencadas na grade curricular, o curso teria que proporcionar a relação teoria e prática ao longo de todo o percurso formativo e não deixar apenas a cargo dos alunos, às vezes, no momento do ECS fazer essa relação. Para Pimenta e Lima

Num curso de formação de professores, todas as disciplinas, as de fundamento e as didáticas, devem contribuir para sua finalidade, que é formar professores a partir da análise, da crítica e da proposição de novas maneiras de fazer a educação (2008, p. 44).

Somando-se à falta de prestígio dos cursos de formação de professores tanto pela sociedade quanto pelas próprias universidades e a problemática grade curricular das licenciaturas que convivem, em grande parte, com a separação das disciplinas específicas e as pedagógicas está o tempo despendido para esta formação. Vejo que as demandas para formar um professor são diversas e o tempo parece curto para dar conta de todos os aspectos inerentes à prática profissional do professor.

Algumas situações do dia-a-dia do professor até são vistas e debatidas dentro das licenciaturas, mas grande parte não é trabalhada dentro destes

cursos. O profissional na escola está constantemente resolvendo problemas para além da sua aula, está trabalhando em equipe, tem que se adaptar a rotina agitada e tumultuada da escola e, essas e outras situações, por vezes, não são nem mencionadas dentro das IES. Isso demonstra a necessidade de se repensar a formação inicial, bem como enfrentar o fato caracterizado pelo distanciamento da universidade com a escola ou/e o pouco tempo efetivo dos alunos dentro das escolas. Apesar de a legislação ter ampliado as horas destinadas ao trabalho junto às escolas o tipo de atividade que é desenvolvida nesta instituição acaba sendo muito reducionista.

Assim como em qualquer profissão, para nos tornarmos professores é necessário incorporarmos determinadas características que são ofertadas em parte pelo curso de formação inicial. É indiscutível que este tem um papel determinante na formação do professor, mas esta formação não se esgota nestes cursos. A aprendizagem é contínua, aprendemos a docência, inclusive através do seu exercício.

Fávero *apud* Pimenta afirma que “Não é só com o curso que o indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma” (2006, p.69). Então, o profissional da educação se forma em parte no curso de licenciatura e perdura sua formação ao longo de sua carreira profissional.

De fato, não é apenas o curso de licenciatura que preparará o futuro professor, após cumprir esta etapa o licenciado terá toda sua carreira para torna-se professor, passando constantemente por mudanças de atitudes e mudanças conceituais. Contudo além desses momentos formativos, destaco a vida escolar pré-universidade também como uma importante instância formadora, ou, talvez, indicadora da escolha profissional.

Passamos uma boa parte de nossas vidas sendo alunos dentro da escola, e com isso vamos criando concepções, imaginando o que é ser professor, qual o papel do aluno na escola, o que é o ensino dentro da escola, entre outras situações que quando crianças não nos damos conta, mas essas concepções ficam guardadas em nossa memória. A respeito dessas

lembranças e aprendizagens que carregamos da nossa vida escolar, Arroyo (2009) diz que:

As lembranças dos mestres que tivemos podem ter sido nosso primeiro aprendizado como professores. Suas imagens nos acompanham como as primeiras aprendizagens [...] A figura da professora, do professor é das mais próximas e permanentes em nossa socialização [...] Repetimos traços de nossos mestres que, por sua vez, já repetiram traços de outros mestres. (p.124).

Então, pensar a formação do professor e, eu diria, as formações dos professores, é algo muito além do curso de licenciatura. Antes de sermos professores, somos humanos, temos nossa história de vida e esta pode nos aproximar ou nos distanciar da profissão docente. Como professores, temos que ter consciência das nossas ações, pois cada ato nosso pode influenciar a vida de nossos alunos positiva ou negativamente.

Para falarmos da formação docente então, não podemos traçar uma linha do tempo, essa formação vem carregando significados e sentidos dos mais variados ambientes que o professor passou ou passará, não sabemos quando começa nem quando termina. Agregamos, então, experiências da vida escolar, da vida pessoal, da vida profissional e é claro da formação inicial concebida pela universidade. Podemos dizer que a aprendizagem da docência vai se configurando ao longo da vida e também vai evoluindo com o tempo e com a prática.

Evidente que temos lembranças e não podemos negá-las na nossa construção enquanto docente, mas é preciso deixar claro o papel fundamental do curso de formação inicial. Nesse contexto, o estágio curricular supervisionado tem um papel importante nesta formação inicial, pois ele se constitui como um privilegiado momento para a aprendizagem da docência, sem dúvida, aliado aos conhecimentos específicos e os pedagógicos, que também são essenciais na formação do professor.

Proponho-me, na sequência, a discorrer a respeito de outro conceito fundante do meu projeto de pesquisa, o estágio curricular supervisionado.

#### 4- ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: ALGUNS ELEMENTOS PARA REFLEXÃO

15



Um dos elementos fundamentais em qualquer curso de formação de professores é o estágio curricular supervisionado (ECS).

Para os alunos que ingressam em um curso de formação de professores, cada vez mais jovens e sem certeza da escolha profissional, o momento do estágio curricular muitas vezes é o primeiro contato com o futuro local de atuação, a escola. Ao mesmo tempo em que alguns aguardam ansiosos por tal etapa, outros parecem tentar fugir até o último instante desta experiência.

Algumas dificuldades no decorrer dos estágios são encontradas, como por exemplo, o planejamento, o desenvolvimento dos conteúdos, a orientação, a incerteza, entre outras. Entretanto neste momento também surgem boas experiências que devem ser sempre compartilhadas.

É necessário reconhecer a importância dos estágios curriculares nos cursos de licenciatura, pois este é um dos momentos ao longo da formação, de aproximação com a realidade escolar, onde o aluno, futuro professor, vai poder estabelecer relações entre a teoria e a prática, conhecer o ambiente escolar, onde está centrada predominantemente a atuação do professor. Oliveira e Lampert (2007) complementam dizendo que o “estágio curricular é a disciplina

---

<sup>15</sup> Fonte da imagem: <[www.google.com.br](http://www.google.com.br)>.

que permite aos alunos de licenciatura a apropriação de instrumentos teórico-metodológicos para atuação no ambiente escolar” (p. 16).

Quando falamos em estágios curriculares supervisionados surgem diversas visões, dentre elas que o estágio é o momento prático do curso, que o estágio é a aplicação das teorias vistas ao longo do curso, ou seja, que é a aplicação da teoria na prática. Porém, também tem aqueles que acreditam que o estágio é um componente curricular que proporciona, ou deveria proporcionar, a unidade entre teoria e prática, esta é a visão que eu compartilho. Porém, segundo Piconez (1994, p. 31) não podemos responsabilizá-lo, [o estágio] isoladamente, pela qualificação profissional do aluno.

O ECS tem como característica a intervenção prática na escola, é um momento que permite aos alunos a apropriação de instrumentos teóricos e de metodologias para a atuação no ambiente escolar. De posse do conhecimento específico o estágio traduz-se como “o momento do aluno tentar compreender o sistema de ensino, as políticas educacionais, a escola e os sujeitos com os quais irá desenvolver/construir processos de aprendizagem”. (KRUG, 2008)

De acordo com PIMENTA (2006) não se deve

colocar o estágio como o pólo prático do curso, mas como uma aproximação à prática, na medida em que será conseqüente a teoria estudada no curso, que por sua vez, deverá se constituir numa reflexão *sobre* e a *partir* da realidade da escola pública [...] (p.70).

O estágio, segundo a autora, servirá para que o aluno se localize e reconheça o espaço escolar como seu futuro campo de atuação, para que comece a formar sua identidade docente. É evidente que a construção da identidade do professor ocorre ao longo de sua atuação profissional, “no entanto, é no processo de sua formação que são consolidadas as opções e intenções da profissão que o curso se propõe legitimar” (PIMENTA E LIMA, 2008, p.62).

Ainda para BURIOLLA (1995), o estágio desempenha um papel decisivo na formação do aluno, possibilitando-lhe a inserção na prática profissional (p.13). A autora ainda diz que o estágio deve ser visto como “o espaço

privilegiado de contato do aluno estagiário com a realidade” (p. 24). Concordando com a autora devemos explicitar para os alunos/estagiários essa importância que os ECS têm nos cursos de licenciatura desde o início do curso e não apenas no momento de sua realização.

Deixando claro, desde o princípio do curso, que o estágio é um dos momentos mais importantes para a formação do professor, os alunos têm a possibilidade de estar sempre fazendo relações das teorias com o momento do estágio e também com o espaço onde este será realizado, para isso, BURIOLLA diz que “urge repensar o estágio supervisionado como parte integrante do conteúdo programático dos cursos” de formação de professores (1995, p.21).

Para Oliveira e Lampert (2007) o estágio curricular é essencial na formação da identidade docente de qualquer aluno de licenciatura [...] (p.21). As autoras explicam porque o ECS é essencial, dizendo que

É fundamental pelo fato de propiciar ao aluno um momento específico de aprendizagem, de reflexão sobre sua prática profissional. Além disso, possibilita uma visão crítica da dinâmica das relações existentes no campo institucional, enquanto processo efervescente, criativo e real. (2007, p. 21)

Pimenta (2006) caracteriza o estágio curricular como “as atividades que os alunos deverão realizar durante o seu curso de formação, junto ao campo futuro de trabalho [...]” (p. 21). A autora ainda complementa falando que o estágio assim como as demais disciplinas fazem parte do currículo do curso, e ambos devem ser cumpridos para que o aluno obtenha o seu certificado de conclusão.

Vejo o ECS como um momento de crescimento, de aprendizagens teóricas e práticas, pessoais e profissionais, de aproximação com a escola e com os profissionais que já atuam nela e possuem uma carreira docente concreta e reconhecida. Piconez (1994) traz sua visão de estágio falando que este possui duas dimensões, a “dimensão ideal, teórica, subjetiva [...], e uma dimensão real, material, social e prática, própria do contexto da escola [...]” (p.25). Então, na verdade o estágio é “um componente teórico-prático” (ibid. p. 25).

Analisando o estágio é possível perceber que a teoria e a prática andam juntas, pois a prática sempre está embasada em alguma teoria e as teorias também apresentam reflexos da prática. PIMENTA (2006) diz que “a prática não fala por si mesma. Exige uma relação teórica com ela. A prática não existe ‘sem um mínimo de ingredientes teóricos’ [...], ou seja, teoria e prática são indissociáveis como práxis” (p. 93).

Segundo PIMENTA (2006) “o estágio deve ser um momento de síntese dos conteúdos, das matérias de ensino, das teorias de aprendizagem e das experiências pessoais, bem como deve constituir-se em um processo de reflexão-ação-reflexão [...]” (p. 75). Portanto, no momento do estágio curricular supervisionado o estagiário deve lançar mão de todos os seus conhecimentos, tanto científicos quanto pessoais, articulando sempre a teoria com a prática, fazendo como diz a autora um processo de reflexão-ação-reflexão.

Diante de várias concepções e visões de estágio, proponho-me a sintetizar algumas idéias, sugerindo que os estágios curriculares supervisionados desenvolvam-se a partir do PPP do curso, da visão do que é ser professor, das disciplinas específicas e das pedagógicas, da unidade teoria e prática, da visão do curso sobre os ECS, entre outras situações que vêm a contribuir ou não para o bom desenvolvimento dos estágios nos cursos de formação de professores. “Então, pensar em estágio é falar em projeto de curso, em formação específica e formação pedagógica, é tocar no calcanhar de Aquiles dos processos educativos: teoria e prática; conteúdo e forma [...]” (Fernandes e Silveira, 2007, p. 3). Para as autoras:

O estágio configura-se como um território a ser ocupado em uma triangulação interativa – não um triângulo retângulo – entre a formação pedagógica, a formação específica e a inserção no campo profissional sem as hierarquias das estruturas de poder entre a Universidade e a Escola (p. 9-10).

Concordo com as autoras, pois o estágio deve englobar as dimensões pedagógicas e específicas e também levar em consideração o ambiente da escola onde é realizado, sendo que todos devem interagir no momento da realização dos ECS.

Ainda falando da realização dos estágios o que podemos perceber é que este quase sempre é composto por três etapas, observação, planejamento/participação e regência. Sobre esta estrutura Pimenta e Lima (2008) comentam que esses esquemas tradicionais de realização dos ECS

revelam seu esgotamento em decorrência da verificação de que essa modalidade (observação, participação e regência) não resulta em melhoria dos resultados do ensino, pois a concepção que a sustenta é a de que o ensino é uma atividade técnica que, uma vez aprendida, pode ser aplicada em qualquer situação (p.186).

Realmente o que as autoras trazem é pertinente, não podemos ver o ensino como uma atividade técnica que uma vez aprendida pode ser só reproduzida. Sabemos que cada realidade, cada turma, ou ainda, cada aluno aprende de uma maneira diferente e precisamos estar sempre atentos a essas mudanças, então devemos rever essa estruturação de desenvolvimento dos estágios, pois o estagiário não pode ir para escola com a ideia de que agora já aprendeu tudo e só irá aplicar seus conhecimentos na prática.

Se a estrutura atual de estágio que é adotada segue essa linha de primeiro observar, para depois planejar e realizar alguma participação para depois chegar a regência, necessitamos repensar qual o papel que a observação e o planejamento tem tido efetivamente para auxiliar no momento da regência de classe. Acredito que as horas destinadas à observação não devem ser para apontar os “erros e defeitos” do professor titular, mas deve servir para conhecer o ambiente escolar, conhecer os alunos, tentar entender as situações cotidianas de uma sala de aula e o momento do planejamento também, muito importante, não deve ser apenas uma idealização das aulas. Neste espaço o estagiário precisa expressar o que viu e também o que deseja realizar, nunca fugindo dos conteúdos que o professor titular está desenvolvendo com a sua turma. Portanto, a observação e o planejamento não estão na grade curricular antes da regência por uma coincidência, eles são muito relevantes e auxiliam o estagiário para ele se sentir mais seguro no período da regência de classe.

Pimenta e Lima (2008) dizem que “o estagiário muitas vezes entende que sua atividade na escola tem por finalidade colher dados para denunciar as

falhas e insuficiências desta” (p.116). Já Fontana e Pinto propõem uma mudança de enfoque,

sugerindo que os alunos reconheçam sua própria presença e seu papel no local do estágio. Dessa forma, o período de estágio, ainda que transitório, é um exercício de participação, de conquista e de negociação do lugar do estagiário na escola. (*apud.* Pimenta e Lima, 2008, p. 116).

Na regência de classe o aluno acaba passando do papel de estudante e de observador ao papel de professor, nesta fase o aluno/estagiário passa a ser o professor de uma determinada turma. Penso que este momento da regência seja, talvez, o único ao longo do curso de formação inicial que proporciona essa experiência, essa troca de papéis, mesmo que temporariamente. Este é o período do futuro professor assumir responsabilidades, compromissos, é também tempo de reavaliar os conceitos que carrega sobre seus pares, momento de aprendizagens, de trocas com os profissionais já formados e reconhecidos. Enfim, o momento da regência de classe parece-me que é o momento dos estagiários se verem professores e assumirem todos os encargos de um profissional da educação.

Mesmo com todas essas características peculiares que o período de regência de classe proporciona aos alunos, alguns ainda não conseguem se ver professores, penso que um dos motivos pode ser o fato de ter um orientador, um professor supervisionando seu trabalho ou também pelo fato desses estagiários serem vistos ora como estudantes e ora como professores, o que causa certa dificuldade para definirem seu papel e isso, na maioria das vezes, pode refletir no desenvolvimento dos estágios.

Nesta etapa do curso, ou seja, no ECS, alguns o denominam de estágio supervisionado e outros, assim como eu, optam pelo termo estágio orientado. Parto do princípio que a palavra supervisão soa como algo ruim, alguém que supervisiona outra pessoa para apontar seus erros e acertos. Nesta relação estagiário-professor, o orientador, muitas vezes, é visto com receio, pois ele aparece como o “supervisor” dos estagiários, e estes ficam inseguros com a presença dele em suas aulas, sentem-se vigiados. É preciso que os alunos

entendam que o professor-orientador além de estar observando as aulas, ele está ali para ajudar, para dar segurança a eles.

A ideia quando se fala em orientação é que seja um momento de construção coletiva, de ajuda, de facilitação, de trocas de experiências, entre outras coisas boas que este momento deve proporcionar ao estagiário. A orientação requer “aproximação e distanciamento, partilha de saberes, capacidade de complementação, avaliação, aconselhamento, implementação de hipóteses de solução para os problemas [...]” (Pimenta e Lima, 2008, 114). Pensando nestas diversas atribuições que a orientação deve atender, lembrei-me de um problema enfrentado pela maioria das universidades que é o pequeno número de professores orientadores de estágio para o grande número de alunos.

A falta, ou a pouca orientação que os alunos dos cursos de formação inicial de professores vêm sofrendo é um grande problema que as universidades estão passando, e com essa situação, o estágio que já é um momento difícil pode se tornar ainda mais complicado. O trabalho do professor orientador que deveria ser o de, efetivamente, orientar e acompanhar seus alunos estagiários não tem sido cumprido, a tarefa está ficando “apenas em uma troca de idéias a respeito do que as alunas viram na visita à escola” (Pimenta, 2006, p. 60).

Penso que se o momento de orientação de estágio fosse tomado como responsabilidade de todos, ou de grande parte dos professores dos cursos de licenciatura essa dificuldade poderia ser diminuída, pois com o estágio ficando a cargo de diversos professores orientadores teríamos mais tempo para a orientação de cada estagiário e também com um grupo maior envolvido no desenvolvimento dos estágios este poderia ser mais discutido e ganhar mais espaço ao longo do curso de formação inicial. Nesse sentido deveríamos contar também com os professores das escolas básicas que recebem esses estagiários. A relação do aluno estagiário com o professor titular da turma é muito importante porque será este que vai passar todas as informações da turma em que o estagiário vai assumir e, além disso, eles podem criar um vínculo ainda maior, onde professor titular e “futuro professor” podem conversar

tornando este momento uma ótima oportunidade de troca de conhecimentos e experiência. PINTO (2002) diz que

[...] o professor da escola é fundamental na formação do estagiário, o que credencia a escola como participante no processo de formação inicial do professor. Além disso, proporcionamos a formação continuada dos professores das escolas quando os colocamos em contato com as novas metodologias de ensino experimentadas e refletidas ao longo do estágio (p. 28-29).

Reforço a ideia de que tanto a universidade quanto a escola são fundamentais no processo de formação inicial de professores, e deveriam proporcionar aos alunos um contato maior, que fosse além do momento do ECS. De acordo com PINTO (2002) se a relação escola-universidade fosse permanente ou que pudesse começar nos primeiros semestres do curso de licenciatura um aspecto interessante seria “a possibilidade de superação da *relação utilitarista* entre a universidade e a escola [...]” (p.18). Assim, quanto antes for firmado o vínculo entre estas instituições mais fácil será superar esta “relação utilitarista” aonde os alunos em estágio vão na escola, cumprem suas horas e vão embora.

Ainda sobre a relação escola-universidade PIMENTA e LIMA (2008) dizem que

Ao transitar da universidade para a escola e desta para a universidade, os estagiários podem tecer uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens, não com o objetivo de copiar, de criticar apenas os modelos, mas no sentido de compreender a realidade para ultrapassá-la (p.111).

Enfim, fica claro que a relação entre as instituições de ensino, escola e universidade, é de grande importância para a formação inicial dos estagiários e também continuada dos professores das escolas que recebem estes alunos e é uma lástima que muitas vezes essa possibilidade não é reconhecida pelas universidades e nem mesmo pelas escolas.

Os alunos estagiários que chegam à escola no momento de realizar seu estágio supervisionado devem preocupar-se com toda a conjuntura da escola e não apenas com a turma na qual irá desenvolver o seu trabalho. É preciso seguir com os conteúdos que o professor titular está trabalhando, saber quais as metodologias que ele está acostumado a utilizar, quais as formas de ensino

que facilitam o aprendizado desses alunos. O estagiário não pode querer mudar tudo quando chega à escola, ele estará ali por um tempo determinado e depois quem continuará trabalhando será o professor titular da turma. Certamente não poderá também ser um reproduzidor das aulas do professor da escola.

PIMENTA e LIMA (2008) falam que “faz-se necessária a análise das instituições e de suas práticas em sua complexidade [...]” (p. 109). No estágio o aluno deve desenvolver atividades que tenham relação com a vida e a cultura dos alunos e da escola, por isso a importância de conhecer todo o ambiente escolar e não apenas a classe em que desenvolverá o estágio. As autoras ainda reforçam que o estágio deve permitir “o exercício de uma pedagogia atenta às histórias, aos sonhos, às linguagens e às experiências dos diferentes grupos culturais, para compreender as diferentes leituras, respostas e comportamentos que os alunos exibem...” (ibid. p. 109).

Então, no momento do estágio curricular supervisionado o aluno-estagiário precisa estar atento a tudo que diz respeito à escola e aos alunos, procurando entender seus comportamentos socialmente construídos. Enfim, “aprender a profissão docente no decorrer do estágio supõe estar atento às particularidades e às interfaces da realidade escolar em sua contextualização na sociedade” (PIMENTA e LIMA, 2008, p. 111).

Portanto, é no estágio que a relação escola – universidade irá, efetivamente, se consolidar, no entanto, quanto antes o aluno começar a frequentar o ambiente escolar, melhor será seu conhecimento a respeito do seu futuro campo profissional e conseqüentemente fará um melhor planejamento e terá mais chances de alcançar o êxito na sua execução no momento do ECS.

Vale lembrar que quando o aluno vai para a escola estagiar, ele chega com o intuito de realizar o seu estágio e de alguma forma contribuir para a escola que lhe recebeu, só que às vezes esse momento é confundido e o estagiário é visto como um “substituto” em alguma turma que está sem professor, um “tapa furo” na ausência de algum professor e essa não é a proposta que leva o estagiário à escola, esta deve recepcionar bem este

estagiário, mas não deve abusar de sua presença na escola, entendendo que o seu momento é de estagiar.

Devemos, entre tantos problemas que surgem no decorrer do estágio, sempre buscar seu objetivo principal de aprendizagem da docência, proporcionar uma boa experiência aos estagiários, enfim o estágio curricular supervisionado deve resultar “numa tensão saudável entre o conhecimento que a universidade propõe às escolas, através dos estagiários, e a realidade da escola pública que se impõe de forma concreta a ser experimentada” (PINTO, 2002, p. 29).

Serão trazidas, na sequência, as principais bases legais que sustentam o ECS, a formação de professores e ainda, dos cursos de formação de professores de Educação Física.

## 5- POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS ESTÁGIOS E PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

16



As políticas públicas são criadas com o intuito de direcionar e sistematizar as ações desenvolvidas pelo governo buscando o desenvolvimento para a sua população. Assim a política tem “como objetivo estabelecer os princípios que se mostrem indispensáveis à realização de um governo [...]” (Machado e Kyosen, 2000, p. 61).

Após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96, para sistematizar e tentar propor unidades comuns aos cursos de formação de professores, foram criadas orientações legais no âmbito da formação de professores, são elas as Resoluções 1 e 2 do Conselho Nacional de Educação (CNE). A Resolução CNE/CP Nº 1 de 18 de Fevereiro de 2002, “Institui Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena” e a Resolução CNE/CP Nº 2 de 19 de fevereiro de 2002, “Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior”.

Estas duas resoluções apresentam unidades comuns, que buscam orientar os cursos de licenciatura quanto a sua estruturação e organização, sugerem que os cursos tenham um projeto pedagógico próprio, que estes criem suas diretrizes para nortear os alunos ao longo da graduação.

---

<sup>16</sup> Fonte da imagem: <[www.google.com.br](http://www.google.com.br)>.

Determinam a carga horária mínima geral e também para cada componente curricular do curso.

A Resolução CNE/CP nº 1/2002 fala que as instituições formadoras devem levar em conta que a formação deverá ser realizada em processo autônomo, em curso de licenciatura plena, numa estrutura com identidade própria. E ainda ressalta que as instituições deverão formular seus próprios projetos pedagógicos, ou seja, esta resolução quer que os cursos de licenciatura tenham características singulares, que os cursos tenham um currículo apropriado e que consigam atingir as competências desejadas para tal formação. Após a homologação desta resolução os cursos de licenciatura tiveram dois anos para readaptar e reformular suas diretrizes curriculares e seus projetos pedagógicos.

Já a Resolução do CNE/CP nº 2/2002 define a carga horária mínima para os cursos de licenciatura que deve ser de 2.800 horas, divididas em 400 horas de prática como componente curricular, 400 horas de estágio curricular supervisionado, 1.800 horas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural e 200 horas para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais, ressaltando que as 400 horas de prática como componente curricular sejam vivenciadas ao longo do curso. Esta Resolução estabelece ainda que os cursos deverão ter no mínimo três anos de duração, sendo que cada ano letivo deverá ter, no mínimo, 200 dias letivos. Sendo assim, tanto a Resolução 1 quanto a 2 exigiram mudanças na estrutura dos cursos de formação de professores no Brasil.

Tanto as Resoluções quanto a LDB não deixam de falar da importância da articulação teoria e prática, e na Resolução nº 2/2002, no artigo 1º diz que os cursos de formação devem garantir essa articulação teoria-prática nos seus projetos pedagógicos, mas ao mesmo tempo separa as horas de prática e as horas dedicadas aos conteúdos científico-culturais como se uma não fizesse parte da outra. Parece-me que a intenção de unir é interessante, mas então as indicações de divisão das horas deveriam ser revistas para que realmente se efetivasse a unidade teoria e prática.

Sobre esta relação teoria e prática as autoras Pimenta e Lima (2008) comentam a respeito da expressão “na prática a teoria é outra” muito falada por alunos que estão concluindo seus cursos. Elas constatarem que esta afirmação popular só vem nos mostrar que o curso de formação “nem fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica” (2008, p.33). Então, é preciso rever as indicações legais para que se consiga oferecer uma formação completa, que articule a teoria com a prática e vice e versa.

Entendo que as resoluções e a LDB sugerem uma articulação entre a teoria e a prática, tentando superar esse distanciamento entre ambas que ainda parece existir nos currículos dos cursos de formação. Pimenta e Lima criticam estes currículos, dizendo que são “um aglomerado de disciplinas isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem” (2008, p.33). Para que se caminhe no sentido de superar essa estrutura curricular é necessário que as teorias trabalhadas não sejam dadas no vazio, sem uma relação com a futura prática profissional, assim como a prática não pode ser simplesmente a prática pela prática sem nenhuma relação e reflexão teórica sobre ela.

Exatamente por notar que a relação teoria e prática não estava sendo devidamente trabalhada nos cursos de formação de professores que as Resoluções CNE/CP nº 1 e 2 foram criadas, com o intuito de que a prática perpassasse toda a formação, que fosse um elemento central das licenciaturas. Mas será que os cursos já estão adaptados a essa realidade? Ou será que o momento da articulação teoria-prática ainda está sendo eminentemente nos estágios supervisionados?

Ao mesmo tempo em que as Resoluções recomendam que todas as disciplinas dos cursos de formação de professores devem ser teóricas e práticas elas determinam apenas 400 horas de prática como componente curricular e 400 horas de estágio curricular supervisionado. Evidente que essas horas determinadas são bastante significativas para os currículos das licenciaturas, mas penso que ainda é preciso se pensar em algo mais para

efetivar a relação teoria e prática durante todo o percurso formativo, e não apenas nos ECS.

As Resoluções CNE/CP nº 1 e 2 acabaram dividindo ainda mais as áreas pedagógica e específica, pois separa as horas para cada “tipo” de disciplina, como se as disciplinas de caráter específico não apresentassem nada de pedagógico e vice-versa. Então, ao mesmo tempo em que as orientações legais tentam propor uma unidade entre teoria e prática elas acabam separando essas pela divisão das horas para cada disciplina curricular.

Além de todas essas orientações das políticas públicas para os cursos de formação de professores em geral, temos de considerar ainda as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Educação Física, instituídas pela Resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior (CNE/CES) nº 7 de 31 de março de 2004.

Interessante destacar que a Resolução CNE/CSE 7/2004 fala tanto da formação do graduado em Educação Física em geral quanto da formação específica do professor (licenciatura em Educação Física). Tal situação pode ser evidenciada no Artigo 1º que vem caracterizando esta Resolução, da seguinte forma:

A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena, assim como estabelece orientações específicas para a licenciatura plena em Educação Física, nos termos definidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica.

Esta mesma Resolução define que o objeto de estudo e de aplicação da Educação Física é o movimento humano, sendo esta disciplina uma área de conhecimento e de intervenção acadêmico-profissional. Complementa ainda que o curso de graduação em Educação Física “deverá assegurar uma formação generalista, humanista e crítica, qualificadora da intervenção acadêmico-profissional [...]” (Art. 4º). Com o curso garantindo a formação desejada pela Resolução teremos dois profissionais, o graduado em Educação

Física e o professor licenciado em Educação Física na qual deverão apresentar, respectivamente, as seguintes atribuições:

§ 1º O graduado em Educação Física deverá estar qualificado para analisar criticamente a realidade social, para nela intervir acadêmica e profissionalmente por meio das diferentes manifestações e expressões do movimento humano, visando a formação, a ampliação e o enriquecimento cultural das pessoas, para aumentar as possibilidades de adoção de um estilo de vida fisicamente ativo e saudável.

§ 2º O Professor da Educação Básica, licenciatura plena em Educação Física, deverá estar qualificado para a docência deste componente curricular na educação básica, tendo como referência a legislação própria do Conselho Nacional de Educação, bem como as orientações específicas para esta formação tratadas nesta Resolução (Art. 4º).

Esta Resolução então distingue as qualificações do graduado em Educação Física e do licenciado em Educação Física e ainda, ao falar da organização curricular destes cursos diz no seu Artigo 7º que caberá a IES articular as unidades de conhecimento de formação específica e ampliada, deixando a cargo da instituição definir as competências e habilidades almejadas para o profissional que se pretende formar e no Artigo 8º, que vem falando do licenciado já traz definido que as unidades de conhecimento específico que constituem o objeto de ensino do componente curricular Educação Física serão aquelas que tratam das dimensões biológicas, sociais, culturais, didático-pedagógicas, técnico-instrumentais do movimento humano.

Parece-me que esta distinção feita entre o graduado e o licenciado acaba reduzindo a formação do professor, pois a orientação para os graduados é que a instituição possa decidir quais as competências e habilidades que competem aos alunos, podendo ser de acordo com o seu público e também de acordo com as características da região, mas para o curso de licenciatura já vem indicando na própria Resolução quais são as dimensões que o professor de Educação Física deve desenvolver, deixando pouca autonomia na definição da grade curricular destes cursos.

Evidente que as Resoluções apenas orientam as universidades para a criação dos cursos, mas estes podem e devem ir além destas orientações. Sobre este assunto Taffarel et al. (2006) comenta que

As diretrizes curriculares não devem constituir-se em “camisa de força” para as IES, mas sim respeitar sua autonomia e suas possibilidades de ampliação da formação, com a explicitação de áreas de formação que, nas particularidades das IES, possam ser materializadas levando-se em conta a base comum nacional e o exercício da autonomia universitária, o que possibilitaria irmos para além das diretrizes curriculares aprovadas pelo CNE (p.105).

Ainda se tratando da Resolução CNE/CSE 7/2004 esta me parece incompleta e um pouco confusa, pois ora ela fala do graduado e do professor de Educação Física, trazendo características próprias para a formação de cada um e ora fala só do graduado em Educação Física, parecendo que em alguns momentos da redação desta Resolução faltam trechos que caracterizem mais e melhor o professor licenciado em Educação Física. Quando a Resolução fala só do graduado em Educação Física e não fala do licenciado será que essas características que estão sendo relatadas servem para as duas formações? No momento em que se fala do estágio profissional supervisionado, fui buscar as orientações para o licenciado, já que este trabalho fala, dentre outras coisas, do estágio na formação do professor e o que eu encontrei foi

A formação do graduado em Educação Física deve assegurar a indissociabilidade teoria-prática por meio da *prática como componente curricular, estágio profissional curricular supervisionado e atividades complementares*. (Art. 10)

§ 2º O *estágio profissional curricular* representa um momento da formação em que o graduando deverá vivenciar e consolidar as competências exigidas para o exercício acadêmico-profissional em diferentes campos de intervenção, sob a supervisão de profissional habilitado e qualificado, a partir da segunda metade do curso (Art. 10).

No que compete aos estágios é apenas esta definição exposta acima, não deixando claro se serve para o graduado e o licenciado ou apenas para o graduado. A Resolução CNE/CSE nº 7/2004 então não define claramente o perfil do licenciado em Educação Física, fala muito do graduado e pouco no licenciado, a meu ver esta Resolução precisa ser revista para ser complementada, pois muitas vezes ela deixa dúvidas, falando ora de uma formação geral e ora distinguindo o graduado e o licenciado, deixando muitas lacunas, principalmente, na formação do professor licenciado em Educação Física capacitado para atuar na educação básica.

O curso de Educação Física, ao longo dos anos, sofreu e ainda sofre com um dilema que é dividir a área em licenciatura e bacharelado ou unir as formações fazendo um curso de licenciatura plena/ licenciatura ampliada, onde o profissional sai capacitado para atuar em diversas áreas que necessitam de um profissional de Educação Física. Pela redação dada na Resolução citada acima me parece que o que profissional graduado, como é chamado, seria o bacharel em Educação Física e o licenciado o professor formado para atuar na educação básica. Não cabe aqui aprofundar a discussão sobre qual opção é melhor, apenas faço inferência para ilustrar um problema que pertence à área e que perdura até hoje, até mesmo porque o foco do projeto são os cursos de licenciatura.

Mais especificamente, com relação à configuração dos estágios curriculares supervisionados, diversas leis e Resoluções os orientam nos cursos de formação de professores, dentre elas, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96). Esta destaca em seu Artigo 82 que “os sistemas de ensino estabelecerão as normas de realização de estágio em sua jurisdição [...]”. Em parágrafo único, ainda destaca que o ECS “não estabelece vínculo empregatício, podendo o estagiário receber bolsa de estágio, estar segurado contra acidentes e ter a cobertura previdenciária prevista na legislação específica”.

Como componente curricular obrigatório nos cursos de formação de professores o estágio curricular supervisionado é vivenciado pelos alunos da graduação, ou seja, por professores em formação. De acordo com o Parecer do CNE/CP nº 28/2001 que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, o estágio curricular supervisionado deve ser:

[...] entendido como o tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio curricular supervisionado supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário. Por isso é que este momento se chama estágio curricular *supervisionado* (BRASIL, 2001, p. 10).

Segundo o Parecer citado anteriormente, o estágio tem como foco construir uma relação entre alguém que já é reconhecido profissionalmente com alguém que está apenas ingressando neste ambiente chamado escola. Normalmente o que se percebe durante o desenvolvimento dos estágios supervisionados é um distanciamento do professor já reconhecido em seu campo profissional, estes veem os estagiários como um “presente”, pois neste período do estágio eles estarão descansando, chegando mais tarde ao trabalho, entre outras situações que presenciamos na prática, no dia a dia das escolas. No decorrer do trabalho abordo com mais ênfase as questões apresentadas por este Parecer.

Ainda tratando-se dos ECS e seguindo as indicações do Parecer CNE/CP nº 28/2001

[...] pode-se dizer que o estágio curricular supervisionado pretende oferecer ao futuro licenciado um conhecimento do real em situação de trabalho, isto é diretamente em unidades escolares dos sistemas de ensino. É também um momento para se verificar e provar (em si e no outro) a realização das competências exigidas na prática profissional e exigíveis dos formandos, especialmente quanto à regência (BRASIL, 2001, p. 10).

Pensando de acordo com a citação acima, que o estágio vai dar a oportunidade do aluno vivenciar a realidade, diria que ele terá apenas uma ideia do que é seu futuro campo de atuação, porque a cada dia a escola está diferente, a cada ano mudam-se os alunos, a realidade da escola onde é feito um estágio não é a mesma que outro aluno está realizando o seu estágio, mas ainda assim é uma ótima oportunidade para se aproximar da real situação de trabalho.

No estágio do curso de licenciatura em Educação Física da FURG, por exemplo, que é o objeto de estudo deste projeto, essa possibilidade de conhecer o campo de trabalho é bastante intensa e diversificada, os acadêmicos devem realizar quatro estágios, que vão desde a educação infantil, passando pelo ensino fundamental (anos iniciais e anos finais), ensino médio até a educação superior. Os alunos, mesmo cursando licenciatura, atuam também em espaços não escolares. Se a intenção do Parecer é que o aluno se

reconheça e conheça o seu futuro campo de atuação, o curso da FURG parece estar contribuindo nesse sentido.

Ainda falando-se das configurações dos ECS segundo as orientações legais, cabe ressaltar que tanto as Resoluções CNE/CP nº 1 e 2 de 2002 quanto as DCNs para cada licenciatura orientam que cada curso apresente em seu Projeto Político Pedagógico sua concepção de estágio e também como este está configurado no curso. A Resolução CNE/CP nº 1/2002 orienta que a prática deverá transcender o estágio e ainda complementa dizendo que

O estágio curricular supervisionado, definido por lei, a ser realizado em escola de educação básica, e respeitado o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, deve ser desenvolvido a partir do início da segunda metade do curso e ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e a escola campo de estágio (Art. 13, § 3º, p. 6).

Importante destacar a posição tomada pela resolução que orienta, entre outras coisas, a avaliação conjunta do estágio. É uma pena que não vejamos isto se concretizar na prática, pois as escolas, ainda não se veem como formadoras junto com a universidade e acabam, às vezes, fechando as portas para os estagiários, e as universidades, muitas vezes, também não reconhecem o papel da escola na formação do estagiário. Assim, acaba-se não cumprindo, totalmente, com o que a Resolução orienta.

Já a Resolução CNE/CP nº 2/2002 aponta, de forma mais direta, como devem ser desenvolvidos os estágios curriculares nos cursos de formação de professores. Define que, no mínimo, 400 horas do curso devem ser destinadas a realização dos ECS e estes devem começar a partir da segunda metade do curso. Esta Resolução também se preocupa com os licenciandos que já exercem a profissão, estabelecendo que “os alunos que exerçam atividade docente regular na educação básica poderão ter redução da carga horária do estágio curricular supervisionado até o máximo de 200 (duzentas) horas” (BRASIL, 2002, Art. 1º, Parágrafo único).

Um ponto que é possível perceber nas Resoluções é que com a definição das horas para o estágio, da carga horária para as disciplinas pedagógicas e para as científico-culturais acaba gerando uma separação ainda maior da teoria e prática, o que não é o recomendado por estas Resoluções,

que orientam justamente o contrário, que nos cursos de formação de professores todas as disciplinas devem ser teóricas e práticas. Parece-me que o momento do estágio é ainda mais isolado dentro da grade curricular das licenciaturas, parece que tudo que não foi trabalhado ao longo da graduação tem de se aprendido no estágio, é como se o ECS se situasse em um tempo diferente do tempo de todo o curso de formação. Essa percepção deve ser superada, pois assim como o curso de licenciatura tem as horas para os conteúdos pedagógicos, as horas para os conteúdos específicos também tem o momento do estágio, e todos esses momentos juntos formarão o professor.

Pimenta e Lima (2008) falam de uma concepção de estágio que vai de encontro do que foi escrito anteriormente a respeito da localização dos ECS nos cursos de formação de professores, dizem que “[...] o estágio é um campo de conhecimento formativo dos futuros professores e integrante de todo o projeto curricular” (p.88). Ou seja, o estágio supervisionado é parte do percurso formativo assim como as demais disciplinas e é assim que deveria ser visto e trabalhado nas licenciaturas.

Seguindo na análise das definições legais que discorrem a respeito dos ECS temos a Lei nº 11.788/2008 que regulamenta os estágios, classificando-os em obrigatórios e não obrigatórios. No seu Art. 1º esta Lei define o estágio como um “[...] ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho...” e no § 2º diz que o estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho. A seguir disponho a redação desta Lei sobre as modalidades de estágio:

§ 1º Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma.

§ 2º Estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória. (BRASIL, 2008)

Cabe ressaltar que esta pesquisa tem como foco apenas os estágios curriculares supervisionados obrigatórios imaginando que estes tenham um

caráter efetivamente formativo e também são realizados por todos os alunos dos cursos de licenciatura.

A mesma Lei define como deve ser a orientação do ECS, falando que “o estágio como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente [...]” (BRASIL, 2008, Art. 3º, § 1º). Lamentavelmente não é isso que encontramos na prática, a orientação, em geral, é assumida pelos professores da universidade e os professores da escola nem pensam (ou sabem) que poderiam auxiliar neste momento tão importante da formação profissional destes estagiários. Na realidade, o que acontece é que com a tarefa de orientar vários alunos ao mesmo tempo, em diferentes escolas, o professor da universidade acaba ficando sobrecarregado, não conseguindo realizar seu trabalho de orientar realmente seus estagiários, e isso, de certa forma, acaba refletindo na formação dos futuros professores. Se os currículos seguissem as orientações desta Lei, que divide o papel da orientação com a universidade e com a escola, talvez tivéssemos um avanço na formação de nossos professores, que poderiam realizar seus estágios com mais segurança e com mais orientação, o que é essencial neste momento de tantas incertezas.

A indicação da Resolução CNE/CP nº 2/2002 que definiu que os alunos dos cursos de licenciatura realizassem, no mínimo, 400 horas de estágio, foi muito positiva, trazendo, dentre outras vantagens, uma maior aproximação dos alunos com o seu futuro campo de atuação, mas ao mesmo tempo trouxe um grande problema para as escolas e até mesmo para as universidades, que é a falta de espaço para todos os alunos atuarem. Cada vez mais cursos de licenciatura são criados e a procura por estes também é bastante grande e isto só contribuiu para o aumento do percentual de alunos em momento de estágio. Com um número maior de horas de estágios e com um percentual crescente de estagiários nas escolas está faltando vaga para todos os alunos em momento de estágio, pois, parece que quando esta Resolução aumentou as horas não lembrou que o número de escolas é reduzido e cresce muito mais lentamente do que os cursos de licenciaturas.

Na legislação parece que o estágio curricular supervisionado está bem planejado, definindo que eles perpassem toda a formação inicial do professor, que não seja apenas uma atividade prática no final do curso, orientando que exista uma relação entre os professores da universidade com os professores da escola, assim como, uma relação permanente entre a escola e a universidade, ambas com papel importante na formação do professor, só resta saber se as universidades e as escolas estão conseguindo efetivar as orientações legais.

## 6. O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: CONSTRUINDO SIGNIFICADOS NA PERSPECTIVA DOS COLABORADORES DA PESQUISA

17



*Enquanto eu tiver perguntas e não  
houver respostas...continuarei a escrever.  
(Clarice Lispector)*

Neste capítulo discorro sobre o desenvolvimento dos estágios curriculares supervisionados do curso de Educação Física da FURG de acordo com as percepções dos egressos, que cumpriram, pelo menos, quatro estágios obrigatórios no decorrer do curso.

Apenas no sentido de retomar a intenção deste trabalho apresento meu principal objetivo, que é analisar qual a percepção dos egressos do curso de educação física, da FURG, acerca dos estágios curriculares supervisionados. Para a construção desta pesquisa também busquei respostas a outras inquietações decorrentes do assunto, são elas: Houve mudança na concepção acerca do estágio após as experiências de regência de classe? O estágio contribuiu para a formação dos egressos do curso? De que forma? Qual a análise dos egressos sobre realizar o estágio (regência de classe) nos diversos níveis de ensino que o curso de educação física (licenciatura) ofereceu? Quais as possíveis contribuições e limitações em realizar os estágios nos diversos níveis de ensino?

---

<sup>17</sup> Fonte da imagem: <<http://mensagemdemarte.wordpress.com/letras-criticas/construcao>>

Essas e outras questões perpassam a pesquisa, e após realizar a coleta de dados subdividi as análises em quatro grandes categorias, são elas: O estágio curricular supervisionado: o que é e quais as percepções atribuídas pelos egressos; A organização e realização dos ECS; Impactos dos estágios supervisionados segundo os egressos; Estágio curricular supervisionado e a formação do professor de Educação Física. Na sequência apresento então a análise dos dados por categorias e também algumas subdivisões destas categorias.

### 6.1. O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: PERCEPÇÕES ATRIBUÍDAS PELOS EGRESSOS

O estágio curricular supervisionado realizado nos cursos de formação inicial de professores, como já foi dito, tem por finalidade aproximar o aluno do curso de licenciatura com o seu futuro campo de atuação, proporcionar uma experiência, na maioria das vezes, na escola. Ele também é uma atividade “teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade [...]” (Pimenta e Lima, 2008, p.45).

Azevedo e Andrade (2010) complementam falando que

O Estágio Curricular Supervisionado é um componente fundamental dos cursos de formação de professores, por meio do qual se busca proporcionar, aos estudantes, o conhecimento da realidade profissional e oportunizar a realização de atividades didático-pedagógicas com vistas a estabelecer a relação teoria-prática (p.213).

Assim, procurando entender esta etapa significativa dos cursos de licenciatura inicio analisando o que é o estágio para os egressos do curso de Educação Física da FURG e também qual a percepção deles a respeito dos ECS realizados, por eles, no curso.

A primeira pergunta feita a eles<sup>18</sup> foi: “O que você entende por estágio curricular supervisionado?” e a grande maioria respondeu que o ECS é um

---

<sup>18</sup> Apesar de ter entrevistado homens e mulheres vou utilizar o tratamento pessoal no masculino.

momento de colocar em prática a teoria aprendida na universidade, ou seja, os egressos ainda têm uma visão simplificada do papel do estágio no curso de licenciatura.

Trago alguns trechos das falas dos egressos para exemplificar a afirmação feita acima: *acho que o nome (estágio) já diz é aquela parte que tu vai ter uma orientação pra tu começar a colocar em prática aquilo que tu ta vendo na universidade [...]* (Peterson); *[...] então tu acaba experimentando, literalmente, aquilo que tu ta aprendendo na faculdade, o estágio é o momento assim da faculdade pra mim foi o momento mais importante, que é o momento de aplicar e vê se funciona ou não [...]* (Francine); *eu acho que foi o momento que eu consegui colocar em prática as coisas que eu tinha aprendido [...] é o momento de tu errar, é o momento de tu acertar é o momento de tu experimentar* (Carolina).

Nota-se que dentre as diversas opiniões acerca dos ECS foi frequente na fala dos egressos a questão da aplicação da teoria na prática, o estágio como espaço de experimentação, do acerto e do erro. A Resolução CNE/CP N° 1 de 18 de fevereiro 2002 que, “Institui Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena que traz no seu Artigo 12° que:

§ 1º A prática, na matriz curricular, não poderá ficar reduzida a um espaço isolado, que a restrinja ao estágio, desarticulado do restante do curso.

§ 2º A prática deverá estar presente desde o início do curso e permear toda a formação do professor.

Pode-se perceber que mesmo com a orientação da Resolução a visão continua sendo de que o estágio é a parte prática do curso, uma sequência da teoria vista nas demais disciplinas. Diante dessas opiniões sobre o que é o estágio curricular pergunto-me a que se deve essa visão? Quem criou ou o que criou essa imagem de que chegado o momento do estágio é a hora de praticar? Quem disse que não temos teoria nesta etapa do curso? Ou que não tivemos prática em outro momento?

De acordo com Fernandes (2008),

A relação teoria e prática apresenta-se como um problema ainda não resolvido em nossa tradição filosófica, epistemológica e pedagógica. A teoria vista na ótica da marca da racionalidade técnica traz como representação a idéia de que a teoria se comprova na prática, condicionando uma visão de que a teoria antecede a prática e que esta aplica soluções trazidas pela teoria em movimentos de padrões universais [...] (p.234-235).

Outra questão importante que destaco nessas falas, é o fato do ECS ser considerado um período de experimentação, para alguns dos entrevistados, este seria o momento de “acertar e errar”. Mas será que por serem estagiários isso lhes garantem o direito de errar? E agora, depois de formados, não poderão mais errar? Talvez o fato de pensarem que são estagiários minimiza a responsabilidade frente a uma turma, pois falam que este [...] *é um momento que o aluno é inseguro, ele não sabe o que vai fazer, é o primeiro contato com a escola pra muitos então tu acaba experimentando [...] é o momento de aplicar e vê se funciona ou não* (Francine).

Acredito que essa insegurança que os estagiários têm no momento do estágio se deve, muitas vezes, ao fato de que é a primeira vez que eles vão efetivamente atuar na escola, no seu futuro campo de trabalho e essa redução da responsabilidade, que surge nas falas dos egressos, creio que se de em função de terem um professor orientador, quando dizem: [...] *vai ter uma pessoa te guiando, te orientando, falando o que tu ta fazendo talvez de forma correta e alguns pontos que tu tenhas que corrigir* (Peterson); (O ECS) *é quando tu vai pra sala de aula, mas tem alguém por trás te ajudando, te amparando assim, é o momento de tu errar, é o momento de tu acertar* (Carolina).

A entrevistada Carolina traz a expressão “amparando” se referindo ao professor orientador do estágio, atribuindo-lhe um papel que nem sempre é visto como deste profissional. Cabe a este professor orientar, guiar seus estagiários para que possam realizar o estágio da melhor forma possível, e porque não ampará-los quando necessário?

Ainda tratando da relação do estagiário com o orientador remeto-me a fala de um egresso que comenta sobre os estágios e diz que *alguns foram muito bons, outros foram mais ou menos porque também conta muito a*

*supervisão do professor que tá orientando os estágios* (Francine). Indo ao encontro do que o egresso falou, estão Pimenta e Lima (2008) que dizem que

O estágio traduz características do projeto político-pedagógico do curso, de seus objetivos, interesses e preocupações formativas, e traz a marca do tempo histórico e das tendências pedagógicas adotadas pelo grupo de docentes formadores [...]. Traduz ainda a marca do(s) professor(es) que o orienta(m), dos conceitos e práticas por ele(s) adotados (p.113).

Ainda falando sobre o que é o estágio, um egresso faz uma afirmativa que se destaca das demais, quando diz que o estágio *é um espaço onde tu tem pra intervir, pra aliar o que tu aprende na graduação com a prática, vai desenvolver aquela prática, acho que tu vai fazer um link do conhecimento com a tua prática e a partir disso também produzir conhecimento* (Thiago). Neste depoimento surgem elementos importantes relacionados aos estágios que não foram relatados pelos demais egressos, como a produção de conhecimento no estágio. Penso, a partir da entrevista em geral, que ele fala de produção de conhecimentos no sentido de pesquisa. Sobre o tema Pimenta e Lima (2008) falam que a pesquisa no estágio

[...] se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidade de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam (p. 46).

Após questionar os egressos sobre o que é ECS para eles, também perguntei qual era a percepção deles acerca dos estágios curriculares supervisionados que eles realizaram no curso de Educação Física, e todos responderam que o ECS foi de total importância para a sua formação, sendo que parte dos egressos lembrou a importância do professor orientador e outra parte falou novamente que seria o momento de acertar e errar e, com o apoio do orientador e dos colegas, tentarem corrigir os erros conforme relatado na fala de um egresso, que diz “[...] *eu acho que é essa parte que tu tem pra colocar o que tu viu ali dentro da sala de aula, tinha trabalhado na sala a parte teórica, o estágio eu vejo como uma forma de acertar e errar, como tu tendo aquele professor ali pra te orientar e dizer olha tu pode fazer isso, puedes arriscar isso e talvez ter um melhor resultado, eu acho que pra isso é importante, o estágio serve pra te orientar mesmo, pra guiar* (Peterson).

Sobre o papel do professor orientador trago a fala de um egresso que me parece ser representativa das demais, este fala que (a percepção) *mudou muito de professor pra professor que me orientou, acho que quando eu tive mais orientação eu consegui ir além do que eu podia porque tu tem uma ajuda [...] nesses estágios a gente tinha muito texto pra ler sobre estágios [...] aí na educação física a gente não acha também muito material sobre estágio [...] então eu acho que a orientação dos professores falhou um pouco assim em alguns momentos [...] (quando alguém observava) isso já me deixava um pouco mais segura eu sabia a quem eu podia recorrer, agora nos outros estágios já ficou um pouco mais complicado porque me deixaram numa turma, então eu acho que essa questão do professor orientar bem os alunos isso é muito importante (Francine).*

Pela descrição acima a percepção do egresso entrevistado representa bem o que deveria ser o papel do professor orientador, que ajuda seus alunos estagiários nos momentos em que o aluno está precisando de uma orientação. Azevedo e Andrade (2010) falam justamente da maneira que o orientador pode conduzir o seu orientando e que “as ações tutorais e os estilos de guiar os alunos do professor formador<sup>19</sup> são muito significativas e podem contribuir de forma positiva ou negativa na formação deste futuro professor” (p. 215). No caso da fala do egresso, citada anteriormente, alguns orientadores marcaram de forma positiva, ajudando e incentivando e o egresso disse ainda que *talvez se tivesse que mudar alguma coisa seria isso assim (a questão da orientação), mas ainda assim foi muito válido, porque a partir dos meus estágios eu consegui fazer algumas pesquisas [...] então os estágios me abriram um espaço muito grande. (Francine).*

Nota-se nas falas dos egressos que eles dão muita importância ao professor orientador e ao seu papel no momento da realização dos estágios, mas outra figura importante e legalmente responsável por esse momento de orientação no estágio é o professor supervisor que não foi lembrado pelos egressos em suas falas. De acordo com a Lei 11.788 o ECS “deverá ter

---

<sup>19</sup> Professor formador é outra designação que se dá ao professor orientador

acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente [...]” (BRASIL, 2008, Art. 3º, § 1º).

Outro ponto referente aos ECS é a questão da insegurança do estagiário que, mesmo estando bem preparado para realizar os ECS, estando com o planejamento em mãos e mesmo tendo um orientador para dar um apoio, muitas vezes, tem uma certa insegurança, ainda nos últimos estágios, mesmo tendo passado por outras experiências de ministrar aulas, cada uma é sempre única. Sobre isto um egresso falou da sua percepção e traz, no seu depoimento, contribuições no sentido da singularidade de cada estágio, diz que *(os estágios) são diferentes, todos, cada um tem as suas especificidades até porque as pessoas são diferentes, são indivíduos, eu achei muito bom, aprendi em todos, tanto na parte boa quanto na ruim porque não deu certo em tudo* (Ana Cláudia).

Ainda a respeito da pergunta sobre a percepção dos egressos acerca dos ECS realizados no curso de Educação Física um deles relata que: *eu pude ampliar um pouco meu olhar, um pouco nesse sentido de pensar o estágio, pensar o estágio como um componente ali de trabalho, um componente de formação* (Thiago). Fica claro na fala deste egresso que o papel do estágio pra ele é bem claro, que este é um componente de formação profissional, e penso que é assim que os estágios devem ser vistos e vividos nos cursos de licenciatura, como um elemento fundamental, indispensável para a formação de qualquer licenciando.

Dentre as diversas visões e características atribuídas aos estágios curriculares supervisionados destaco como os principais pontos desta categoria a visão de que o estágio é a parte prática do curso, como já dito anteriormente, uma visão simplificada e que não atende as orientações legais e a influência, a importância do professor orientador no momento do ECS, como uma pessoa que os estagiários podem contar, este professor traz segurança nesta fase. Estes foram então os assuntos mais comentados na fala dos egressos.

## 6.2. A ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DOS ECS

Na tentativa de compreender o desenvolvimento dos estágios curriculares supervisionados realizados pelos egressos do curso de Educação Física da FURG, busco nesta categoria entender como foram organizados e realizados esses ECS. Nesse aspecto todos os egressos foram bastante detalhistas e avaliaram positivamente cada etapa do estágio pela qual passaram, comentaram as atividades que realizavam em paralelo, e também os pré-estágios que cumpriram. Na sequência, destacarei alguns elementos desse processo.

A organização curricular do curso de Educação Física<sup>20</sup> da FURG contempla, no tocante aos estágios, 4 pré-estágios e 4 estágios, sendo que estes são realizados do 1º ao 4º ano, semestralmente. Apresento as falas de alguns egressos que explicam passo a passo as etapas pelas quais eles passaram, eles dizem: *[o curso] teve 4 pré-estágios onde a gente teve observações precedentes aos estágios e dentro dos estágios também foram 4, a gente começou tendo estágio num semestre que era num ambiente não escolar, onde a gente tinha que fazer 10 horas [...], depois tivemos 10 horas num ambiente escolar, na educação infantil e 10 horas nos anos iniciais e por fim tivemos mais 20 horas no ensino fundamental, nos anos finais e pra terminar no ensino médio e no ensino superior (Peterson); os nossos estágios foram sempre com aulas presenciais, a gente tinha aula presencial nas quais a gente discutia muito sobre a faixa etária que a gente tava trabalhando porque eles eram divididos em espaço não formal foi o primeiro estágio, o segundo estágio foi educação infantil e anos iniciais, depois foi anos finais e ensino médio e graduação [...] a gente tinha aulas presenciais, a gente tinha espaço pra montar as aulas e conversar com os professores, a gente não podia ir pra sala de aula antes de entregar o plano de ensino (Carolina).*

---

<sup>20</sup> No item 2.2.1. “Caracterização dos estágios curriculares supervisionados” trago uma explicação mais detalhada a respeito dos ECS.

Interessante destacar a fala de Carolina que traz dois aspectos muito relevantes, um deles a questão de ter aulas teóricas concomitantemente com os estágios, muito importante, pois este é um momento em que se necessita de reflexões e um bom planejamento, que foi o outro ponto lembrado por ela. Resumidamente, um egresso fala como foram realizados os estágios, e diz que: *passo a passo a gente tava tendo aulas teóricas e a parte prática no lugar onde a gente tinha escolhido* (Peterson).

O planejamento das atividades a serem realizadas no decorrer dos ECS é muito importante, ele pode dar mais segurança ao estagiário que tem pouca ou nenhuma experiência. Ir para a sala de aula com as atividades sistematizadas e organizadas certamente ajuda no momento do estágio, na hora da regência de classe, mas *tu planeja a aula e às vezes na hora de executar não dá certo, os alunos não querem, não gostam e aí o que eu acho que na nossa formação foi deixado bem claro que o planejamento é algo flexível é um planejamento não quer dizer que tu tenha que seguir a risca* (Ana Cláudia).

A respeito do planejamento Pimenta e Lima (2008) dizem que a importância do planejamento “se revela não apenas como um momento ou evento, mas como uma atividade-eixo, como a espinha dorsal que sustenta e permeia todo o percurso do ensinar e do aprender” (p.180). Os comentários sobre a relevância de se fazer um planejamento se sustentam na ideia das autoras que dizem que o plano é o eixo do processo, revelando-se então como um grande aliado, principalmente, para os estagiários que estão ingressando na carreira profissional.

Respondendo a pergunta sobre a realização dos estágios no curso de EF os egressos foram unânimes em descrever detalhadamente as etapas, grande parte deles lembrou a importância do planejamento no momento dos ECS e um egresso falou ainda que (os estágios) *foram interessantes, acho que pra mim que fiz dois cursos assim, eu pude ampliar um pouco meu olhar, um pouco nesse sentido de pensar o estágio [...] o pré-estágio foi um espaço interessante de se pensar o estágio que era a questão das observações, até da*

*própria intervenção mesmo que reduzidas, de já ta pensando o que fazer no estágio, a própria preparação pro estágio (Thiago).*

Nota-se na fala citada anteriormente que não só os estágios foram importantes, mas os pré-estágios também, no sentido de que preparam os alunos para a realização dos ECS, para o momento da regência de classe. Os pré-estágios como antecessores dos estágios supervisionados auxiliam na realização do planejamento, no pensar as atividades, as observações realizadas também ajudam no momento do planejamento, tornando este momento fundamental para o desenvolvimento posterior dos ECS.

Para compor esta categoria de análise ainda fiz a seguinte pergunta aos egressos: “Quais os momentos dos estágios que foram mais significativos para você? Por quê?”, e a maioria dos egressos destacou dois dos diversos níveis de ensino pela qual passaram como mais significativos e apenas um egresso elegeu três níveis. O que foi possível perceber é que cada egresso teve seus momentos mais importantes apesar de ter uma frequência maior em alguns níveis de ensino cada um viveu o seu estágio de forma diferente.

A Educação Infantil e o Ensino Médio estão entre os níveis mais citados pelos egressos, foram estes que significaram mais para os alunos no momento da realização dos ECS. Diversos foram os motivos pelas quais estes dois níveis foram os mais citados pelos egressos, dentre eles: *nos anos iniciais e na educação infantil, por trabalhar com crianças mesmo, pra mim era muito difícil, aquele primeiro contato de chegar e elas te olharem assim, eu vejo que com crianças muito pequenas a aparência do homem [...] não estão acostumados, eu acho que isso foi a parte mais, difícil não seria porque depois eu me dei bem com as crianças, acho que foi muito tranquilo mas foi o que eu tava mais inseguro, marcou bastante assim mas por fim foi bem positivo assim, consegui me enturmar bem assim, foi bem legal (Peterson); teve duas intervenções assim que eu achei interessante, que realmente eu vi meu trabalho nessas intervenções, uma foi na educação infantil que enfim eu me organizei teoricamente pra isso [...] e do ensino médio foi interessante porque eu já me sentia maduro pra também ta fazendo isso , pra sistematizar o projeto e intervir naquele número de aula que tinha com aquele projeto, eu sai contemplado com*

*essa organização que eu tive (Thiago); o do ensino médio foi o mais fácil e o mais difícil ao mesmo tempo porque eu peguei uma temática que era deficiência, para uma turma que não tinha deficientes [...] então eu acho que eu fui aprendendo de um estágio para o outro por isso que eu acho que o último foi o mais relevante pra mim, foi o que eu mais gostei também (Francine).*

Percebe-se na fala dos egressos que os dois níveis citados como os momentos mais significativos foram vivenciados em momentos diferentes da graduação, a Educação Infantil, sendo o primeiro estágio, e o Ensino Médio, sendo a última etapa juntamente com a Educação Superior. No depoimento dos egressos o relato é de que a Educação Infantil parecia difícil, alguns não sabiam como lidar com as crianças e, no Ensino Médio alguns já se sentiam mais seguros, então, pergunto-me porque os estágios começam com a Educação Infantil e vão percorrendo todos os níveis até chegar a Educação Superior? Porque seguir essa ordem dos níveis? Se os estagiários não estão muito seguros nos primeiros estágios, talvez começar nesta ordem possa prejudicar, de alguma maneira, os educandos da Educação Infantil, por exemplo.

A percepção dos egressos pode não ser representativa de toda a realidade, mas nos leva a pensar que uma reformulação da ordem em que estão dispostos os estágios no curso de Educação Física da FURG poderia trazer uma mudança significativa e positiva.

Quando um egresso relatou que o estágio *do ensino médio foi interessante porque eu já me sentia maduro* (Thiago), talvez ele sentia-se mais maduro pelo fato de ter passado por outras experiências anteriormente e se esse estágio fosse o primeiro será que seria eleito como um dos momentos mais importantes para ele? Será que ele estaria se sentindo maduro?

Foi perguntado também o que os egressos entendiam acerca da realização dos estágios em diferentes níveis de ensino<sup>21</sup> e quais foram as

---

<sup>21</sup> Os egressos realizam quatro estágios, na Educação Infantil, nos anos iniciais e nos anos finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio, no Ensino Superior e em um espaço não formal.

possíveis contribuições e limitações dessa distribuição. Todos reconheceram a grande importância de ter realizado o estágio em todos os níveis e disseram que foi interessante essa divisão, pois assim puderam ter noção de como é trabalhar em cada etapa. Perceberam que cada turma, cada série, exige um trabalho diferente.

A seguir, a fala de alguns egressos representa a opinião sobre esta realização dos ECS em diferentes níveis, eles disseram: *eu gostei dessa divisão, de tu poder nem que seja um pouquinho, mas tu ir em cada lugar e experimentar, porque as vezes acontece tu pega uma turma só e é uma experiência só então eu achei bem válido os estágios na FURG (Francine); no início eu pensava que tanto estágio que a gente tem que fazer [...] só que no final tu junta daí que tu vê a importância disso, pra mim foi muito importante porque eu sei que eu to no caminho certo [...] o curso deu essa noção e esses estágios servem pra isso, pra ti ter essa noção da realidade, de ver que não é uma coisa estática, que a graduação eu não terminei, na realidade a formação acadêmica apenas começou [...] (Ana Cláudia); eu acho que é importante fazer em todas as séries vai ver que a mesma coisa não se aplica pra todas as etapas (Rosa Glades).*

Alguns egressos enfatizaram que essa “obrigatoriedade” de passar por vários níveis de ensino serviu-lhes para superar alguns pré-conceitos, como por exemplo, trabalhar com crianças, o que antes do estágio, não imaginavam fazer. A fala de um egresso representa bem essa situação, ele disse que realizar os ECS foi *muito importante porque se a pessoa pudesse escolher um nível pra dar aula, quase todos os alunos escolheriam aquele nível que talvez tivessem mais facilidade, [...] “obrigando” a tu passar por todas essas etapas, tu vai vivenciar tudo e tu a partir disso tu vai ver, olha eu tinha um pré-conceito em tal nível, mas depois do estágio realizado tu vê, olha é só um pré-conceito mesmo...é o meu caso particular da educação infantil que eu achava, como será que vai ser assim, será que eu vou me dar bem, será que vai ser legal, aí no final já sai com outro pensamento, posso trabalhar tão bem assim quanto nos outros níveis (Peterson).*

Alguns dos egressos disseram que se pudessem escolher apenas um nível talvez escolhessem um na qual tivessem mais afinidade e assim deixariam de lado os demais níveis que o profissional de Educação Física pode estar atuando, como é relatado na fala deste egresso que disse: *eu acho perfeito (atuar em todos os níveis) porque se eu tivesse que escolher, olha só que curiosidade, eu trabalhei com educação infantil, como eu era bailarina eu dava aula de balé numa escola, se eu tivesse que escolher quando eu entrei na faculdade dar aula pra um estágio eu daria pra educação infantil que foi o pior porque eu tava sendo professora de educação física e não professora de balé, a metodologia é outra, o balé é rígido e eu, claro, eu copiava as aulas das minhas professoras então, era disciplina, era rígido e a educação física eu aprendi de uma forma diferente então foi bem difícil [...] e hoje em dia eu já pegaria ensino médio porque foi o que eu mais gostei e eu tinha medo de ensino médio, eu não queria de jeito nenhum, então eu fui obrigada a ter que passar por cada nível, mas foi bom porque eu pude ver a diferença de um nível pra outro, como eu tenho que agir de uma turma pra outra e isso aí me fez crescer muito como professora (Francine).*

Como dito anteriormente o curso de Educação Física da FURG oportuniza a realização de estágios curriculares supervisionados em diferentes níveis de ensino em espaços formais e também proporciona esta prática em espaços não formais, mesmo sendo um curso de licenciatura. Um egresso lembrou-se desta situação e teve a seguinte posição: *Olha, eu acho que é importante (realizar ECS em diferentes níveis), mas eu acho que podia ser um pouco menos, por exemplo, pra quem ta fazendo licenciatura eu acho que podia escolher não fazer em local não escolar se não pretende trabalhar com local não escolar podia optar por não fazer, mas eu acho que é importante fazer o estágio em todas as séries da escola, por exemplo, principalmente pra quem faz licenciatura (Rosa Glades).*

Penso que o curso de Educação Física ao oportunizar os estágios não só na escola, mas também fora dela está tentando proporcionar o máximo de experiência para os graduandos durante sua formação, a opinião do egresso, citada anteriormente, pode ser uma idéia interessante, tornar optativo o estágio

em espaço não formal. Acredito que a universidade deve oportunizar o máximo de experiência e cabe ao aluno então escolher se deseja ou não realizar o ECS fora da escola, por exemplo.

Pode-se perceber que a realização e a organização dos estágios curriculares supervisionados está bastante clara para os egressos, todos descreveram nitidamente as etapas pelas quais passaram, dando ênfase aos pré-estágios, como elemento de apoio no momento de realizar os ECS e ainda de aprender sobre o planejamento e sua relevância nesta etapa. Os egressos também lembraram a importância de passarem por todos os níveis de ensino, tendo assim a oportunidade de conhecer os seus futuros ambientes de trabalho e o público com a qual poderão vir a atuar. Destacaram como momentos relevantes dos seus estágios a etapa da Educação Infantil e do Ensino Médio.

#### 6.2.1. Realizando o estágio: momento da regência de classe

Nesta subcategoria busco saber como foi o momento da regência de classe dos egressos perguntando a eles como foi a experiência de regência de classe durante o período dos estágios supervisionados, e todos responderam que a regência foi tranquila, foi boa, porém fizeram algumas ressalvas.

Anteriormente os egressos estavam respondendo sobre os momentos dos ECS em geral, mas nesta etapa perguntei especificamente da regência de classe, do período em que estavam na sala de aula, trabalhando diretamente com os alunos e surgiram comentários como: *a pra mim foi tranquilo, eu acho que o magistério me deu uma segurança que talvez outros colegas não tivessem, também tive medo [...] toda aula é uma surpresa tu chega com um planejamento, mas sempre acontece um imprevisto e desde o pequenininho até o grande tu fica meio receosa, mas é assim [...] quando tu entra dentro da sala de aula e vê aquelas carinhas e começa a dá aula, tu esquece tudo e vai indo* (Ana Cláudia); *foi em alguns momentos bem tenso, porque a turma é tua, a responsabilidade é tua* (Francine); *no geral foi boa, eu gostei assim* (Carolina).

Percebe-se que de forma geral a regência de classe foi encarada com tranquilidade, mas alguns dos egressos entrevistados relataram o momento da regência de classe na Educação Infantil como o mais complicado, o que lhes deixou mais inseguros. Trago a fala de alguns deles para exemplificar essa dificuldade que sentiram: *teve momentos que eu tive que ser mais paciente com as crianças pelo fato delas não quererem fazer as atividades, saírem muito facilmente com outra coisa, porque a turma não era uma turma muito pequena* (Peterson); *os pequeninhos eram os que eu tinha mais medo apesar de eu ter feito magistério [...]* (Ana Cláudia); *o da educação infantil eu odiei, não é que eu odiei é que eu tive medo, eu tava com medo de tratar mal as crianças, eu não conseguia, eu acho que sinceramente eu não consegui alcançar os meus objetivos com essa turma [...] e cada hora é uma coisa diferente e depende muito do jeito que eles são no dia, pra mim foi um estágio bem difícil* (Carolina).

Nota-se uma preocupação na fala dos egressos no momento de trabalhar com as crianças, alguns não se sentiam a vontade, não sabiam como prender a atenção delas porque, segundo eles, as crianças não realizam por muito tempo a mesma atividade, enfim, na fala dos egressos fica nítida a insegurança que tiveram neste estágio. Novamente pergunto-me porque essa ordem dos estágios? É necessário começar com a Educação Infantil já que percebemos uma insegurança dos alunos para lidar com as crianças? Uma curiosidade da grade curricular do curso de EF da FURG é que ela não traz nenhuma disciplina obrigatória que trabalhe especificamente com questões da Educação Infantil o que pode ser um mais um dos indícios desta insegurança vivida pelos egressos no momento de trabalhar com as crianças.

Quando perguntados sobre o momento da regência de classe alguns egressos ainda falaram do papel do professor e um deles disse que a docência *tem que ter uma interação, tem que ter uma abertura para deixar eles chegarem em ti, comigo foi tranquilo, quando eu tive que colocar eles pra dentro da sala de aula, sentar e conversar, eu acho que a conversa e o diálogo é imprescindível dentro da docência, entre professor e aluno [...]* a docência é *equilíbrio, não é nem pra eles nem pra mim, é pra nós, é uma interação, eu não*

*sou autoridade, não sei tudo e eles também, não é que eles não sabem nada, eu aprendo com eles e eles aprendem comigo, é uma interação, uma troca, eu acho que o estágio, a docência pra mim nessa parte foi tranquilo (Ana Cláudia).*

Na sua fala Ana Cláudia traz elementos importantes de se pensar no momento da regência de classe destacando a questão da autoridade do professor, que muitas vezes, este é visto como o detentor do saber e sabemos que não é assim, que como ela falou a docência é uma troca, onde alunos e professor aprendem juntos. Outro egresso teve um discurso complementar a fala anterior, dizendo que *teve momentos péssimos no sentido de idealizar alguma coisa e por vezes dentro da sala de aula ter sido horrível [...] eu acho que teve outros momentos que eu não me senti professor, não por não ta preparado enfim, mas por também estar querendo construir um tipo de professor que por vezes não é o professor que os alunos tão acostumados [...] eu tentei desconstruir algumas coisas que eu acho que por vezes, não que não seja certo ou errado, não é por esse mérito, mas que realmente me satisfaçam enquanto professor, enquanto uma pessoa que ta disposta a passar alguns conhecimentos pra eles entende eu acho que a questão talvez que me deixava um pouco chateado assim foi a questão do tu ser a autoridade, por vezes eu acho que a aula pode ser uma construção entende, uma construção com os alunos [...] mas de maneira geral assim eu acho que eu fui contemplado, essas minhas chateações eu compartilhei com as professoras do estágio que observaram aulas (Thiago).*

Além desta questão do papel do professor dentro da sala de aula, que é muito importante, o estagiário tem que se sentir à vontade no momento da docência, um egresso lembrou ainda da relevância da orientação do professor da universidade nesta etapa de regência de classe dizendo que *os professores da universidade que orientam estágio são muito importantes, porque tu tem alunos nas tuas mãos literalmente, tu vai ensinar alguma coisa errada e aquilo pode modificar alguma coisa na turma e se tu fizer alguma coisa certa legal mas como é que é certo e como é que é errado, então essa coisa de regência, de planejar aula, de saber o teu cronograma direitinho, de ter aquele compromisso foi uma experiência assim bem difícil no começo porque tu não*

*sabe como é que é ser professor até tu dar aula [...] cada turma tem a sua peculiaridade, então foi uma experiência assim que cada vez que eu ia pro estágio eu tinha que me modificar, eu tinha experiência do estágio anterior como docente mas ainda assim eu não podia aplicar o mesmo modelo porque não era a mesma coisa (Francine).*

O momento da regência de classe, de um modo geral, parece ter sido enfrentado de forma positiva pelos egressos do curso de Educação Física da FURG, com ressalvas a dificuldade de trabalhar com a Educação Infantil. Inquietou, alguns dos egressos, a questão do papel do professor que muitas vezes é visto como autoridade na sala de aula e estes acreditam numa docência que possa ser compartilhada, onde aluno e professor trocam experiências e aprendem juntos. Os egressos ainda lembraram-se do professor orientador como uma pessoa muito importante no momento da preparação das aulas, da regência de classe, eles sentem-se mais seguros com a possibilidade de trocar ideias e experiências com o professor.

### 6.3. IMPACTOS DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS SEGUNDO OS EGRESSOS

*Ninguém pode ser escravo de sua identidade:  
quando surge uma possibilidade de mudança é preciso  
mudar (Elliot Gould)*

Nesta categoria de análise procuro compreender quais os prováveis impactos dos ECS na concepção dos egressos. Pergunto se após realizarem os estágios curriculares supervisionados eles mudaram sua visão acerca do que é o estágio, se modificaram sua opinião sobre este componente curricular após a regência de classe. Também os questionei sobre possíveis mudanças nas concepções do curso de Educação Física e do que é ser professor desta disciplina após cumprirem os ECS.

Realizei esses questionamentos, pois acredito que os egressos tinham uma imagem do que seriam os estágios, do que seria a regência de classe, que imaginavam qual seria o papel do professor de Educação Física, enfim, tinham suas concepções, e acredito que com o cumprimento dos ECS, com o contato com os alunos, com a vivência na escola puderam confirmar, ou até mesmo modificar, seus entendimentos sobre esses componentes da sua formação.

### 6.3.1. Compreensão dos estágios após a regência de classe

Para compor esta subcategoria perguntei aos egressos se haviam ocorrido mudanças nas suas concepções do que é o estágio curricular supervisionado após terem cumprido a regência de classe e, a grande maioria, afirmou que ocorreram modificações, de modo geral, puderam perceber a importância de cumprirem vários estágios e com isso conhecer melhor a escola como o seu futuro campo de atuação, como fica claro na fala de um egresso, este diz que: *houve várias mudanças, por exemplo, essa questão de ter estágio todo ano, ai que saco, não, isso é importante, pra mim foi, ter cada vez mais contato com a escola não vai te deixar preparado, pronto, ninguém ta pronto depois que sai da graduação, mas te dá uma noção maior do que vai acontecer* [...] (Francine).

Na etapa da regência de classe alguns egressos temiam o momento da observação do professor orientador e, durante o desenvolvimento dos ECS perceberam a importância desta orientação, puderam ver, após a regência, que o professor orientador é uma pessoa que está disposta a ajudar, tem como função auxiliar e orientar e não de apontar apenas os erros como falou um egresso, este disse que *achava que o professor que fosse me olhar ali não estaria me ajudando, estaria me julgando* (Carolina).

Dutra e Terrazzan (2010) falam sobre o orientador, que

[...] podemos comparar a tarefa do orientador de estágio com a de um mediador, cujo papel não é somente avaliar as capacidades e aptidões a serem desenvolvidas, mas acompanhar o seu desenvolvimento, encontrando estratégias adequadas para a

realização do estágio curricular, aconselhando, apoiando, encorajando o aluno, para que seja ele próprio e para que dê o melhor de si nas atividades que o esperam (p.4).

Ainda no tocante a orientação dos ECS um egresso lembrou que não só o professor orientador auxiliava, mas também as trocas de experiências com os colegas foram muito ricas, o que possibilitou uma formação ainda mais completa, os colegas tiveram grande importância nestes momentos de regência de classe. Para exemplificar a afirmação acima, trago um trecho da fala deste egresso que diz que *nesses estágios ficou bem claro pra mim que aquilo ali (o estágio) é uma formação, o início da tua formação e professores e colegas tão pra te ajudar e claro que a gente vai errar ninguém detém o saber total [...] e o professor vai tentar te orientar e te ajudar pra ti não bater tanto de frente [...] eu acho que o estágio e o curso de educação física na minha formação, eu acho que abriu caminhos [...] eu acho que eu cresci como profissional, como ser humano e me vejo como educadora e profissional dentro da área da educação com um horizonte bem maior, bem mais amplo, aprendi muito mais nesse curso do que em outro (Ana Cláudia).*

Um fato relevante que apareceu na fala de um egresso é a questão do vínculo com a escola que os estágios proporcionam, quando perguntado sobre possíveis mudanças na sua concepção do que é o ECS, após a realização destes, este disse que *a ideia que eu tinha antes de estágio era uma coisa muito superficial, pensava que tu ia ali fazia aquela aula, dava e saia, mas na verdade depois que tu faz estágio tu acaba te envolvendo com os teus alunos, com os professores até com toda a equipe da escola [...] acabei fazendo amizade com todo mundo e quando sai e acaba o estágio tu vê que vale a pena [...] (Rosa Glades).*

Nota-se que a grande maioria dos egressos percebeu mudanças nas suas visões do que é o ECS após realizá-lo. Destacaram alterações sobre a importância da realização de vários estágios, do papel do professor orientador e dos colegas no momento da regência de classe, e também a possibilidade de criar laços afetivos durante o período de regência de classe na escola. Cabe destacar que apenas um dos egressos entrevistados disse que não houve mudança na sua concepção de estágio após a regência.

### 6.3.2. Visão do curso de Educação Física da FURG

Nesta subcategoria perguntei aos egressos se após a realização dos estágios curriculares supervisionados havia mudado a concepção deles em relação ao curso de Educação Física da FURG na qual eles se formaram e, a grande maioria, afirmou que houve alteração no que eles esperavam do curso, pois quando ingressaram na licenciatura em Educação Física imaginavam que teriam muitas aulas práticas, que fariam esportes, ginástica, que iriam dançar, enfim, concebiam o curso de Educação Física como predominantemente prático, o que na realidade não se concretizou.

Trago alguns trechos das falas dos egressos que expressam essa imagem distorcida que eles tinham em relação ao curso de licenciatura em Educação Física, estes disseram: *tudo mudou porque quando eu entrei na faculdade eu queria continuar a carreira como bailarina, eu dancei balé por muitos anos e era isso que eu ia fazer na faculdade porque educação física pra mim era isso, era algo prático, tipo ir e dançar, ser atleta, ser bailarina e não, hoje eu sou professora (Francine); quando eu entrei na educação física o nosso curso não tinha nada de prática era só teoria e eu dizia, mas que curso é esse a gente não joga, não faz nada como é que eu vou ensinar, era aquela noção de que eu só posso ensinar se eu tiver prática também não é assim, o jogo, a regra do jogo é só tu estudar vai lá e aplica e eu não entendia, eu acho que a maioria não entendia, a gente reclamava bastante que não tinha prática [...] só que a gente não tava ali pra praticar, a gente tava ali pra se formar professores (Ana Cláudia).*

Imediatamente quando perguntados sobre a sua visão do curso de Educação Física os egressos expressaram a idéia pré-concebida que tinham deste curso, como dito anteriormente, imaginavam que praticariam muitos esportes, que teriam muitas aulas práticas, no entanto, isso não se consolidou, pois o curso da FURG tem uma grade curricular bastante teórica, onde busca ampliar a prática em alguns momentos específicos, como por exemplo, nos ECS e em algumas disciplinas optativas. Mesmo ingressando num curso com

características distintas das esperadas os egressos foram, com o decorrer dos semestres, entendendo e aceitando a proposta e, no final, saíram contemplados. A grande maioria comentou que no momento dos ECS e da regência de classe compreendeu o papel das teorias que viam no curso. Um dos egressos entrevistados disse que *o curso da FURG tem um diferencial, ele tem muita teoria e a prática tu faz lá nas optativas [...] então a gente tinha muita coisa que a gente aprendeu na teoria que a gente precisava por em prática porque a gente tava desacreditado já e quando tu pega uma teoria dessas e vai pra prática e vê que dá certo ou surgiu um problema lá na sala de aula e tu te lembrou, vem um link na hora, tu vê que aquela situação que tu já estudou é super legal [...] eu tava desacreditada que essas teorias fossem dar certo e no estágio que eu fui ver que realmente podem dar certo* (Rosa Glades).

Além de reconhecer a importância das teorias aprendidas durante o curso no momento dos estágios um dos egressos percebeu que poderia aliar as questões teóricas com as práticas e a partir desta junção produzir trabalhos e pesquisas, ele disse que *no final do curso eu consegui ter um olhar melhor em relação a teoria, eu acho que os estágios foram um bom espaço [...] quando eu te falei dos artigos que eu pretendo fazer, de produção, no sentido bem técnica mesmo que é a técnica de pesquisa, técnica de instrumentalizar enquanto professor entende, tentar desenvolver trabalhos em cima da nossa prática, eu acho que os estágios marcou bem isso [...] foi interessante pra isso, pra mim talvez coletar dados vamos pensar assim, se eu vou pensar na pesquisa, e produzir em cima da prática, nesse sentido eu vejo um respaldo assim essa minha experiência no curso de educação física, de ter me dado um subsídio, um aparato técnico pra intervenção* (Thiago).

Ainda em relação as modificações na concepção sobre o curso de Educação Física um egresso comentou sobre os conteúdos a serem trabalhados pelo professor desta disciplina, pois antes ele tinha uma visão equivocada da profissão e com o passar dos semestres e com o cumprimento dos ECS foi mudando seu olhar, como fica claro no seu depoimento, este diz que *eu não posso só querer dar aula de dança nos meus estágios só porque eu gosto muito de dança, não é só isso que eu tenho que trabalhar, a cultura do*

*movimento humano que a educação física trabalha é tão ampla que é um absurdo o professor querer trabalhar só com o que ele goste, o aluno tem o direito e nós como professores temos o dever de mostrar outras coisas, e o estágio vai mostrando isso [...] o estágio nos dá essa ideia totalmente diferente da educação física que tu tem quando tu entra (Francine).*

Em relação aos conteúdos a serem trabalhados pelo professor de Educação Física outro egresso destacou a questão do que é ofertado pelo curso e o que o aluno deve buscar, ele comentou que *algumas coisas eu comecei a ver que o curso podia ter me dado mais aparatos, outras eu pensei assim, bom ele podia me dar, não me deu agora eu vou ter que buscar por mim, por exemplo, disciplina prática assim não tem muito, algumas a gente tem a opção de fazer [...] eu sou professora de educação física e meus alunos querem ter aula de futebol, eu não tive futebol na faculdade, mas e como é que eu vou fazer pra ensinar futebol pra eles, aí bom, eu vou estudar porque eu não preciso ser uma jogadora pra dar aula de futebol, preciso entender minimamente, ter noção que atividades eu posso dar e eu acho que isso com os estágios a gente acaba aprendendo, porque os alunos te pedem coisas diferentes assim, eles te exigem (Carolina).*

Percebe-se que a concepção sobre o curso de Educação Física, para a maioria dos egressos, mudou, após a realização dos estágios curriculares supervisionados e com o término do curso eles concluíram que a teoria deu bastante subsídio para o desenvolvimento das atividades de estágio e entenderam então a proposta curricular mais teórica oferecida pela FURG, não sentindo necessidade das disciplinas práticas que eles desejam no começo do curso. Entretanto, um egresso disse que não houve mudança na sua concepção, que o que o curso ofereceu era o que ele esperava.

### 6.3.3. Entendimento do papel do professor de Educação Física

Com a intenção de compor esta subcategoria que trata sobre o papel do professor de Educação Física fiz a seguinte pergunta aos egressos: “Houve mudança na tua concepção sobre o que é ser professor de educação física

após a tua experiência nos estágios? De que tipo? Quais? Por quê?”, e para cinco dos seis egressos entrevistados houve mudança na concepção do que é ser professor de EF após realizarem os estágios curriculares supervisionados.

Então, após os egressos admitirem modificações na sua visão do que é ser professor de EF, questionei-os sobre quais foram essas mudanças, e grande parte deles falou que a imagem que tinham do professor de Educação Física era de um profissional que praticava esportes, que se divertia, que jogava. Coloco algumas falas que parecem ser representativas das demais e expressam de forma clara essa visão que estes egressos tinham, eles dizem que *houve mudança porque quando eu era menor eu queria ser professora, eu sempre quis ser professora de educação física [...] eu já pensava assim, ah eu vou ser professora de educação física porque não dá trabalho nenhum, eu vou lá, só vou jogar e me divertir, nem vou precisar fazer prova* (Ana Cláudia); *eu fui fazer educação física não pela educação física da escola fui porque eu gostava de ginástica, frequentava academia [...] (Carolina); quando eu entrei achava que professor de educação física era aquele que corria, fazia abdominal, dava aula na academia* (Rosa Glades).

Nota-se que mesmo alguns alunos que buscam o curso de Educação Física têm uma visão equivocada do papel deste profissional dentro da escola e na sociedade. Então, pergunto-me a quem ou a que se deve a responsabilidade desta imagem associada aos professores de EF? Será que alguns profissionais que não honram a profissão são os responsáveis pela imagem de toda categoria? Um egresso aponta uma possível causa quando fala que *eu fiz educação física por causa de uma professora do ensino médio eu adorava ela, ela dava aula de dança, mas daí depois que eu entrei* (no curso de Educação Física), *eu comecei a observar, ela só dava o que ela gostava [...] e o professor de educação física ele não é isso, ele é muito mais* (Francine).

Na fala de Francine observa-se que ela buscou o curso, pois, dentre outros motivos, gostava de sua professora e quando já estava cursando Educação Física percebeu que a professora admirada, que serviu de incentivo, estava equivocada, sendo agora uma figura na qual ela não deseja mais se espelhar, percebeu que o papel do professor de EF vai muito além de trabalhar

com os conteúdos que tem mais finalidade. Francine complementa sua ideia dizendo que *é muita responsabilidade pra gente trabalhar com tanta coisa, tem que abordar toda a cultura do movimento humano [...] mas eu acho que ele (o professor de EF) tem que se dedicar sim a tentar trabalhar com o máximo possível [...] não é que tu tenha que ser especialista em alguma coisa, mas tem que saber o máximo de tudo.*

Alguns egressos comentaram ainda sobre o papel do professor de Educação Física dentro da escola, perceberam no decorrer dos ECS que muitas vezes este profissional não tem seu papel reconhecido dentro do seu ambiente de trabalho, mas, de acordo com suas falas, parecem querer mudar essa situação, pois acreditam na importância do trabalho deste profissional, alguns egressos disseram que *ele (o professor de EF) está, juntamente com um conjunto de colegas, auxiliando aquele individuo a se formar, a crescer a evoluir pra vida e na parte profissional também, a educação física não é um lazer [...] eu acho que o professor ele tem a sua função e ela é superimportante, o professor de educação física, assim como o professor de matemática, de português, de educação artística são importantes igualmente (Ana Cláudia); eu acho que o papel do professor dentro da escola ele é fundamental pro aluno, às vezes os professores não buscam essa importância lá dentro simplesmente abandonam, não eu acho que a gente tem que batalhar, trabalhar com seriedade pra que a educação física seja reconhecida e pra que tu tenha uma visibilidade [...] tua disciplina não ta aí só pra encher a carga horária dos alunos, tem o que ensinar pra eles, tu tem com o que trabalhar mas e aí vai de professor pra professor (Carolina).*

Um entendimento melhor do papel do professor de Educação Física na escola e na sociedade foi uma das mudanças de concepção mais evidentes que os egressos relataram, sendo que também destacaram uma transformação da visão que tinham sobre os conteúdos a serem desenvolvidos por este profissional. Parece-me que os egressos com o decorrer do curso e com a realização dos ECS puderam compreender o papel do professor de EF, que para alguns deles não era bem definido no início da graduação. Apenas um

egresso relatou não ter havido mudança na sua concepção sobre a função do professor de Educação Física.

#### 6.4. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Para compor esta última categoria de análise, que trata sobre o estágio curricular supervisionado no curso de licenciatura em Educação Física da FURG, comecei perguntando aos egressos se eles acreditavam que os ECS contribuíram para formação deles e todos afirmaram seguramente que os estágios supervisionados colaboraram totalmente para sua formação, falaram que foram muito importantes para se formarem professores.

Após a confirmação de que os estágios colaboraram de maneira positiva para a formação dos egressos, perguntei de que forma eles contribuíram e alguns comentaram que os ECS serviram para confirmar que estavam na profissão correta, como aparece nas falas quando dizem que: *quando tu entras no estágio e começa é uma noção do que tu vai ter na tua vida profissional, é muito importante que tu já vê, olha sala de aula pra mim não dá, ou trabalhar em academia não dá, eu acho que pra ti ser um bom profissional tu tem que fazer o que tu gosta [...] o estágio serve pra isso, pra saber se tu quer ser, se tu tá na área que tu quer* (Ana Cláudia). Neste comentário da Cláudia nota-se a importância da realização de vários estágios e também que eles sejam a partir da segunda metade do curso, como orienta a Resolução CNE/CP nº 2/2002, pois assim é possível perceber no decorrer do curso se a escolha feita está ou não de acordo com o que queremos para nossa vida profissional.

Quanto às escolhas feitas em relação à profissão e aos cursos Pimenta e Lima (2008) falam especificamente da licenciatura, dizendo que “a docência constitui um campo específico de intervenção profissional na prática social – não é qualquer um que pode ser professor” (p. 90). Então, esse é mais um fator

que justifica a realização dos estágios a partir da segunda metade do curso, já que estes podem indicar a certeza da escolha profissional.

Um fato constantemente lembrado pelos egressos é a troca de experiências com os colegas e professores e a leitura de textos durante o desenvolvimento dos estágios curriculares supervisionados, eles dizem que essa dinâmica utilizada ajuda no momento do planejamento e até mesmo na atuação no ECS. Trago alguns comentários dos egressos que são representativos dos demais e traduzem a importância dessas trocas para eles, dizem que *as próprias discussões em aula e trocas de experiência com os colegas acho que também ajudou assim, pensando mais no estágio como uma disciplina, eu acho que teve espaços aí que foram interessantes [...] (momentos para trocas) a gente apresentava determinadas aulas para os colegas, eu fiz essa aula deu certo [...] (Thiago); a gente ia pra sala de aula com as questões, a gente usava aquele espaço pra debater, pra discutir questões assim, aspectos teóricos, mas principalmente práticos, a gente lia um texto pra aula e chegava olha aqui esse texto tá dizendo que aconteceu hoje lá na escola [...] (Carolina).*

Ainda em relação às contribuições dos estágios para a formação de professores um egresso comentou que no decorrer dos estágios ele já estava sempre pensando no que poderia aproveitar para sua formação, ele disse que *sempre que eu ia fazer um estágio eu pensava no que eu poderia utilizar depois pra minha formação [...] então todos os estágios eles foram pensando em alguma coisa [...] eu li muito antes de fazer o estágio (Francine).* Este egresso relatou que desejava, desde o começo da faculdade, seguir estudando e pesquisando, então sempre estava focado no que os ECS e as demais disciplinas poderiam lhe dar de subsídios para sua prática futura. Este ainda falou que *o estágio é a coisa mais importante da graduação (Francine).*

Outro egresso disse que não se imagina sem os estágios, pois estes foram muito relevantes para ele, no sentido de que deram segurança para atuar depois de formado, deram suporte para trabalhar com os diferentes níveis e ambientes em que o professor de Educação Física atua, este egresso disse *eu não me imagino saindo da universidade sem ter realizado os estágios no*

*caso chegar e cair de paraquedas, agora tu tem que dar aula sem ter experimentado aquilo, sem ter vivenciado ali o dia a dia, de ter enfrentado um semestre em ambiente não escolar, de ter passado pela educação infantil, anos iniciais, anos finais, médio, depois o superior eu acho que esse período eu pude vivenciar [...] nesse tempinho aí situações que se eu não tivesse tido no estágio e chegasse agora, ah tens que dar aula, aí eu ia ter que arriscar (Peterson).*

Nota-se na fala de cada egresso que de uma maneira ou de outra os estágios curriculares supervisionados contribuíram para sua formação profissional, ressaltando que cada um relata algum momento que lhe foi mais significativo, mas o mais importante que no final todos conseguiram perceber algo de significativo que colaborasse para sua formação.

Pimenta e Lima (2008) reconhecem a importância do ECS para a formação de professores e dizem que

Como componente curricular, o estágio pode não ser uma completa preparação para o magistério, mas é possível, nesse espaço, professores, alunos e comunidade escolar e universidade trabalharem questões básicas de alicerce, a saber: o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor [...] entre outras (p.100)

Na sequência, ainda para compor esta categoria, perguntei aos egressos se eles estavam atuando na área, ou seja, se estavam trabalhando como professores de Educação Física e todos responderam, no momento da coleta de dados, que não estavam atuando na área na qual se formaram. A seguir, também os questionei se os ECS que eles realizaram contribuíram para sua prática atual e eles relataram que sim, que mesmo não estando atuando como professores de Educação Física os estágios feitos no curso estão ajudando nas suas práticas em outros ambientes.

Um dos egressos entrevistados relatou que trabalha em um ambiente não escolar, atua em um clube, e falou que as experiências dos ECS do curso de Educação Física ajudam no seu trabalho fora da escola, pois disse que *quando tu lida com pessoas qualquer experiência que tu tenha tanto no ambiente não escolar quanto no ambiente escolar tu pode usar um pouquinho*

*pra trabalhar do outro lado, acho que a forma de tratar o aluno em qualquer um dos dois tem uma ligação, levar um pouquinho da experiência que tu tem em uma área pra outra, acho que tu consegue realizar muito fácil assim (Peterson).* Ainda falando sobre a influência dos ECS para a prática atual outro egresso que atua em uma escola de língua estrangeira relatou que o estágio *me ajudou muito assim, com certeza, eu to muito desinibida agora antes eu ficava com um pouco de vergonha [...] melhorei muito como professora nessa escola que eu dou aula de inglês (Francine).*

Um egresso quando questionado sobre sua prática atual respondeu que não estava trabalhando formalmente, mas que sendo professor sempre está atuando, para ele o professor tem um papel na sociedade e deve ter posturas que justifique sua profissão, ele diz *eu sou professor e acho que eu devo ter postura de professor e talvez não fazendo uma crítica a questão formal nesse sentido, mas eu acho que a não formalidade, os espaços de vivências, espaços de lazer, eu acho que são espaços de atuação de um professor entende (Thiago).* Outro egresso falou ainda que atua como voluntário em um projeto de atividade física promovido pela FURG, que atende pessoas da terceira idade e que, mesmo depois de formado, não quis deixar o projeto, ou seja, este egresso é o que está atuando mais próximo da sua área de formação.

Para finalizar esta categoria de análise perguntei aos egressos se gostariam de falar mais alguma coisa sobre sua formação, sobre os estágios curriculares supervisionados, enfim, sobre o curso de Educação Física e, a grande maioria, teceu comentários em relação aos estágios supervisionados, falando do que lhe foi mais marcante ao longo da graduação e também do que recordaram no momento da entrevista. Apenas um egresso não se manifestou.

Alguns egressos ressaltaram novamente a questão do estágio curricular supervisionado como fundamental para se formarem professores, falaram que foi um dos momentos mais importantes da graduação, que com os ECS obtiveram um crescimento profissional e pessoal. Trago a fala de alguns para ilustrar as afirmações acima, eles disseram que *o estágio pra mim eu acho que foi bastante significativo e me fez crescer, na formação profissional, na formação como ser humano (Ana Cláudia); (o estágio) é uma das partes mais*

*significativas da nossa formação pelo menos aqui na FURG porque tu vem desde o primeiro semestre com pré-estágio [...] então a maioria da tua graduação tu passou fazendo estágio e foi, aqui por exemplo, acho que a maior base que a gente teve pra gente se formar um professor de educação física foram os estágios (Rosa Glades).*

A importância da realização dos estágios curriculares supervisionados em diferentes níveis de ensino foi lembrada por um egresso que comentou essa organização curricular do curso de Educação Física da FURG, ele disse que *eu acho que o bom da FURG, é que eu pude experimentar [...] era “obrigado” a ir (para os diferentes níveis), tinha que fazer, eu acho que foi bom, eu acho que é bem importante pra formação do professor, fazer não só aquilo que ele gosta, nem sempre a gente vai fazer o que gosta, mas eu acho que é bom a gente ter aquela vivência aquela experiência [...]* (Peterson).

Um egresso lembrou ainda do momento da avaliação do estágio, falou sobre o papel do professor orientador e do professor da escola, este acredita que *é complicado pedir pro professor da escola avaliar o estágio, eu acho que o professor da universidade ele tem que avaliar o estágio, o que acontecia, às vezes, o professor dizia, ai é o professor da turma que vai te cuidar, mas o professor da turma não é aquele que ta te ajudando na tua formação, ele ta ali ele já tem a prática dele, é diferente, claro que é muito importante ele te ajudar, mas não é ele, sozinho, que deve avaliar* (Francine).

Quando perguntado se queria fazer mais algum comentário um egresso lembrou-se de sua participação em um projeto que, segundo ele, lhe deu vários subsídios para o momento de se organizar nos estágios, ele comentou que *talvez o que tenha me marcado assim pra mim ter tido um certo empenho nas intervenções com o estágio foi uma participação que eu tive no projeto Rondon, que foi eminentemente prático a questão da intervenção, a questão de tu te organizar pra fazer as intervenções [...] o que eu quero te dizer é que eu falo ah aprendi um monte no projeto Rondon [...] foi um aprendizado desse geral, de um olhar por cima, de fazer um sobrevoo em cima daquela experiência, a partir daquelas intervenções eu percebi que pra outras intervenções e talvez os estágios eu já tenha produzido nesse olhar que eu precisaria me organizar e*

*com isso eu me dediquei mais a própria questão teórica das disciplinas entende, pra chegar nos estágios e tentar dar o meu melhor (Thiago).*

Percebe-se que, de forma geral, os egressos avaliam os estágios curriculares supervisionados como essenciais para sua formação profissional, entendem que este é um componente curricular de grande importância. Mesmo não atuando na área, no momento da coleta de dados, eles atribuem sentido aos ECS, dizem que este contribui para atuações em outros ambientes. Quando perguntados se queriam tecer mais algum comentário sobre o estágio, sobre o curso em geral, a maioria dos egressos lembraram-se de algum momento que lhes marcou mais, mas todos se referiam a alguma etapa do ECS.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender qual a percepção dos egressos do curso de Educação Física, da FURG, acerca dos estágios curriculares supervisionados. Para a construção da pesquisa também procurei respostas a outras inquietações decorrentes do assunto, são elas: Houve mudança na concepção acerca do estágio após as experiências de regência de classe? O estágio contribuiu para a formação dos egressos do curso? De que forma? Qual a análise dos egressos sobre realizar o estágio (regência de classe) nos diversos níveis de ensino que o curso de Educação Física (licenciatura) ofereceu? Quais as possíveis contribuições e limitações em realizar os estágios nos diversos níveis de ensino?

Cabe destacar que a pesquisa foi realizada com egressos do curso de licenciatura em Educação Física da FURG. A coleta de dados se deu no 1º semestre de 2011, pois os alunos entrevistados haviam se formado no 2º semestre de 2010, portanto já estavam aptos para responder a todos os questionamentos acerca dos ECS.

Para facilitar o entendimento deste estudo foi feita uma categorização que, no decorrer do texto que servirá de base para a construção das considerações finais. Assim, a partir das contribuições dos colaboradores da pesquisa, serão mostradas sistematizações sobre o estágio curricular supervisionado, com relação às percepções atribuídas pelos egressos; à organização e realização dos ECS; os Impactos dos estágios supervisionados segundo os egressos; o Estágio curricular supervisionado e a formação do professor de Educação Física.

Num primeiro momento, quando perguntados sobre o que é o estágio curricular supervisionado os egressos responderam que é o momento de colocar em prática a teoria que aprenderam no curso, ou seja, esta resposta demonstra que os entrevistados ainda têm uma concepção reduzida do papel do ECS no curso de licenciatura. Comentam, em suas falas também, que o estágio é um período de experimentação.

Quando se fala sobre estágio supervisionado é possível perceber que mesmo que o curso siga as orientações das Resoluções, como é o caso da licenciatura em Educação Física da FURG, ainda não está sendo suficiente para mudar a visão simplificada que os licenciados apresentam acerca dos ECS.

A percepção dos egressos sobre os estágios curriculares supervisionados realizados por eles no curso de licenciatura é de que este foi fundamental para a sua formação, sendo que alguns egressos lembraram à importância do professor orientador nesta etapa e outra parte falou novamente que seria o momento de acertar e errar e, com o apoio do orientador e dos colegas, tentarem corrigir os erros.

Sobre a organização e o desenvolvimento dos estágios realizados no curso de Educação Física os egressos foram bastante detalhistas em suas respostas e avaliaram positivamente cada etapa do estágio pela qual passaram. Comentaram ainda sobre as atividades que realizavam em paralelo, e também os pré-estágios que cumpriram, dando bastante ênfase para este componente curricular que antecede os estágios.

A realização de aulas teóricas concomitantemente com os estágios foi lembrada pelos egressos como um ponto positivo na organização do currículo deste curso. Outro ponto também lembrado foi o planejamento que os egressos realizavam antes de irem para a escola cumprirem com a regência de classe, eles comentaram que aprenderam muito e reconhecem a importância deste na hora de realizar o ECS.

Em relação aos momentos de estágio mais significativos os egressos destacaram dois níveis de ensino, responderam que a Educação Infantil e o Ensino Médio foram os mais importantes, tanto pelas dificuldades quanto pelo êxito alcançado nestes dois segmentos. O que foi possível perceber nas falas é que cada egresso teve seus momentos mais importantes apesar de ter uma frequência maior em alguns níveis de ensino cada um viveu o seu estágio de forma diferente.

A oportunidade que o curso de Educação Física da FURG dá aos seus alunos de realizar os estágios supervisionados em diferentes níveis de ensino (espaço formal) e em espaços não formais foi destaque nas falas dos egressos. Eles avaliaram a realização dos ECS na Educação Infantil, nas séries iniciais e finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio, no Ensino Superior e também em um ambiente não escolar como muito importante, disseram que foi interessante essa divisão, pois assim puderam ter noção de como é trabalhar em cada nível e em cada ambiente. Perceberam que cada turma, cada série, exige um trabalho diferente.

O momento da regência de classe, de um modo geral, parece ter sido enfrentado com tranquilidade pelos egressos do curso de Educação Física da FURG, com ressalvas a dificuldade de trabalhar com a Educação Infantil. Inquietou alguns dos egressos a questão do papel do professor que muitas vezes é visto como autoridade na sala de aula e estes acreditam numa docência que possa ser compartilhada, onde aluno e professor trocam experiências e aprendem juntos. O professor orientador foi lembrado como uma pessoa muito importante no momento da preparação das aulas, da regência de classe, os egressos relataram que se sentem mais seguros com a possibilidade de trocar ideias e experiências com o professor.

Em relação a possíveis variações de concepção sobre o papel do estágio após o cumprimento destes a grande maioria dos egressos percebeu mudanças nas suas visões do que é o ECS após realizá-lo. Destacaram alterações sobre a importância da realização de vários estágios, perceberam que é relevante passar por diversas experiências. Alteraram sua visão sobre o papel do professor orientador e dos colegas no momento da regência de classe, estes aparecem como elementos significativos nesta etapa dos ECS e também perceberam que há possibilidade de criar laços afetivos durante o período de regência de classe na escola.

A visão que os egressos tinham do curso de Educação Física mudou significativamente após o ingresso deles no curso e, principalmente, após a realização dos estágios curriculares supervisionados. No início, os egressos imaginavam que o curso de EF era para jogar, praticar esportes, enfim,

concebiam um curso muito distante do que eles encontraram, pois o curso de licenciatura em EF da FURG é bastante teórico e busca a prática através de disciplinas específicas e também por meio dos estágios.

Com o término do curso os egressos concluíram que a teoria deu bastante subsídio para o desenvolvimento das atividades de estágio e entenderam então a proposta curricular mais teórica oferecida pela FURG, não sentindo necessidade das disciplinas práticas que eles desejam no começo da graduação.

Um entendimento melhor do papel do professor de Educação Física na escola e na sociedade foi uma das mudanças de concepção mais evidentes que os egressos relataram em relação ao que eles pensavam que é o papel do professor de Educação Física. Eles também destacaram uma transformação da visão que tinham sobre os conteúdos a serem desenvolvidos por este profissional. Parece-me que com o decorrer do curso e com a realização dos ECS os egressos puderam compreender o papel do professor de EF, que para alguns não era bem definido no início da graduação.

Os estágios curriculares supervisionados foram destaques na fala dos egressos em relação a sua contribuição no curso de licenciatura em Educação Física. Este componente curricular foi evidenciado, como sendo de total importância para sua formação, disseram que os ECS foram essenciais para se “tornarem” professores.

A relevância que os estágios tiveram na formação dos egressos se deu de diferentes maneiras, para alguns o estágio serviu para afirmar que estavam na profissão correta, já para outros o estágio foi importante, pois era um momento de trocas de experiências, de diálogo com os professores e colegas e ainda para outros o estágio deu segurança, ajudou a sentirem-se professores.

Os egressos relataram ainda que não estão atuando como professores de Educação Física, mas ainda assim os ECS que eles realizaram durante o curso estão colaborando para suas práticas em outros ambientes atualmente.

O trabalho possibilitou-me fazer inferências sobre os significados atribuídos pelos egressos do curso de Educação Física da FURG aos estágios curriculares supervisionados para sua formação. Também me fez refletir sobre as mudanças de percepção que ocorreram para os egressos, após a realização dos ECS. Cabe salientar que as percepções e significados atribuídos ao ECS são visões de egressos recém-saídos da graduação, eles baseiam suas falas em suas possíveis experiências dentro do curso e, talvez, em outros espaços formadores, mas ainda assim são idéias de pessoas com pouca experiência profissional.

A concretização deste estudo fez-me perceber que a realização de diversos estágios, como no caso do curso estudado, contribui de forma significativa para a formação de professores, é capaz de transformar alguns “pré” conceitos a respeito do papel da profissão e até mesmo da função dos ECS nos cursos de formação. É necessário o desenvolvimento de novas pesquisas abordando esse tema, inclusive com hipóteses que colaborem com o crescimento do curso de Educação Física da FURG e com a área da Educação Física em geral.

*E ali logo em frente  
A esperar pela gente  
O futuro está...  
(Toquinho, Aquarela)*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 8ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 11ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

AZEVEDO, Maria Antonia de; ANDRADE, Maria de Fátima Ramos de. Os professores formadores e os saberes de orientação mediante ações tutoriais. In: **Educação**. Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 213-221, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br>>. Acesso em: 30 set. 2010.

BRASIL. CNE. CP. Resolução nº1, de 18 de fevereiro de 2002: **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_02.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf)>. Acesso em: 08 de mar. 2011.

\_\_\_\_\_. CNE. CP. Resolução nº 7 de 31 de março de 2004: **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Educação Física**. Disponível em: <[http://www.cmconsultoria.com.br/legislacao/resolucoes/2004/res\\_2004\\_0007\\_CNE\\_CES.pdf](http://www.cmconsultoria.com.br/legislacao/resolucoes/2004/res_2004_0007_CNE_CES.pdf)>. Acesso em 02 de junho de 2011.

\_\_\_\_\_. CNE. CP. Resolução nº 2, de 19 de fevereiro de 2002: **Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2010.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008: **Dispõe sobre o estágio de estudantes**. Disponível em: <<http://www.normaslegais.com.br/legislacao/lei11788.htm>>. Acesso em: 07 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 28/2001: **Dá nova redação ao Parecer CNE/CP nº 28/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.** Disponível em: <<http://www.ensinopublico.pro.br/Documentos%5CFederal%5C02042008053727.doc>>. Acesso em: 08 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>>. Acesso em: 07 mar. 2011.

BURIOLO, Marta Alice Feiten. **O estágio supervisionado.** São Paulo: Cortez, 1995.

DUTRA, Edna Falcão; TERRAZAN, Eduardo A. 'A formação docente de professores orientadores de estágio curriculares de cursos de licenciatura'. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 20 a 23 de Abr. de 2010, Belo Horizonte, MG, Brasil. DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas et al (org.). 'Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais'. **Anais...** 11p. CD-ROM.

FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. 'O espaço-tempo do estágio nos movimentos do curso: interrogantes, desafios e construção de territorialidades'. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 14., 26 a 30 de Abr. de 2008, Porto Alegre, RS, Brasil. CUNHA, Maria Isabel da; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). 'Trajetórias e processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e culturas'. **Anais...** 18 p. CD-ROM.

FERNANDES, Cleoni Maria Barboza; SILVEIRA, Denise Nascimento da. Formação inicial de professores: desafios do estágio curricular supervisionado e territorialidades na licenciatura. In: **Anais da 30ª Reunião Anual da ANPED**, Caxambu- MG, 2007. p. 1-12.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores:** para uma mudança educativa. Tradução: Isabel Monteiro. Porto: Porto Editora, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa.** 5ª Ed. São Paulo:

Atlas, 2010.

GRINBERG, Cassio Sclovsky. **A Percepção**. p.01-07. Disponível em: <<http://www.grinbergconsulting.com.br>>. Acesso em: 01 dez. 2011

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional – Formar-se para a mudança e a incerteza**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001

KRUG, Hugo Norberto et al. **“Estágio Curricular supervisionado em Educação Física: significado e importância sob a ótica dos acadêmicos do curso de licenciatura”**. Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física (GEPEF/UFSM); apresentado no XXVII Simpósio Nacional de Educação Física, Pelotas – RS, 2008 <[www.google.com.br](http://www.google.com.br)>. Acesso em 25 abril 2009.

MACHADO, Ednéia Maria; KYOSEN, Renato. Política e política social. In: **Serviço Social em Revista**. Vol. 3, n. 1. Jul. - Dez. 2000. Londrina. Ed. UEL, 1998. p. 61-68. Disponível em: <[http://www.ssrevista.uel.br/c\\_v3n1\\_politica.htm](http://www.ssrevista.uel.br/c_v3n1_politica.htm)>. Acesso em: 10 mar. 2011.

NEVES, Cíntia Silva de Vasconcelos. **Possíveis contribuições do estágio curricular supervisionado para a construção da identidade profissional de professor**. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

NÓVOA, António. Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa. In: **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 5ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2003 (Coleção Práxis)

OLIVEIRA, Marilda; LAMPERT, Jocielle. O estágio curricular como campo de conhecimento e suas especificidades no ensino das Artes Visuais. In: **Ações educativas e estágios curriculares supervisionados**. Ed. da UFSM, 2007

PICONEZ, Stela C. Bertholo. A Prática de ensino e o estágio supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão. In: \_\_\_\_\_ (org.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1994. p. 15-38.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PINTO, Fábio Machado. A Prática de Ensino nos cursos de formação de professores de Educação Física. In: VAZ, Alexandre; SAYÃO, Deborah; PINTO, Fábio (org.). **Educação do corpo – formação de professores: reflexões sobre a Prática de Ensino de Educação Física.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002, p. 13 – 42

SZYMANSKI, Heloisa. *et al.* **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva.** Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

TAFFAREL, Celi Zulke, et al. Formação de professores de Educação Física: estratégia e táticas. In: **Motrivivência**, n 26, ano XVIII, p. 89-111, junho 2006.

TRIVIÑOS, Augusto N. S.; **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Projeto Político Pedagógico da Fundação Universidade Federal do Rio Grande.** Rio Grande, FURG: 2004. Disponível em: <<http://www.furg.br>>. Acesso em: 22 mar. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Secretaria Geral dos Conselhos Plenos. Deliberação nº 009/2005, de 17 de junho de 2005, **Dispõe sobre a criação do curso de Licenciatura em Educação Física.** Rio Grande, FURG: 2005.

## APÊNDICES:

### APÊNDICE 1 - Carta do orientador de estágio

Luciana,

Impressionante a riqueza dos teus apontamentos no diário... Eu não estive lá todo o tempo, mas com 2 observações e a leitura das tuas observações é possível visualizar todo o processo de vocês junto a turma.

Tu e a Carol passaram por um grande teste. Assumir uma turma de quinta série e trabalhar um conteúdo “diferente” do habitual fez esta experiência mais valiosa ainda. E acredite, vocês saíram-se muito bem.

A organização demonstrada desde o início, os emails que trocamos, os encontros na biblioteca (eu, vocês duas e os livros de basquetebol) e a seriedade observada durante as aulas na escola atestam a garantia da competência e o comprometimento de vocês. Tu podes até não querer ser professora, mas condições tens de sobra.

Mudarias alguma coisa caso o estágio fosse iniciar novamente? É claro que sim! Tenho certeza que aprendeste muita coisa... Como disseste no diário, às vezes pequenos detalhes podem fazer uma grande diferença para uma aula dar certo. E o estágio é para isso... aprender. Mas saibas que esse aprendizado não se esgota aqui e que cada turma e cada aluno te ajudará a ser melhor professor para os próximos que virão.

De tudo que observei, o que me chamou mais atenção foi o teu “brilho no olhar” ao tentar fazer de tua intervenção algo realmente proveitoso para os alunos. Este é o caminho... nossa profissão precisa muito disso!!! Pessoas que queiram fazer a diferença!!!

Se me perguntarem se estás aprovada, se podes ser considerada uma professora, direi que sim, mas vou muito mais além. Acho que estive todo esse tempo diante de uma educadora! Queria eu poder ajudar a formar

“educadores”... mas Rubem Alves já me dizia há algum tempo que isso não era possível:

*“Não sei como preparar o educador. Talvez porque isso não seja nem necessário, nem possível... É necessário acordá-lo! E aí aprendemos que educadores não se extinguiram como tropeiros e caixeiros. Porque, talvez, nem tropeiros, nem caixeiros tenham desaparecido, mas permaneçam como memória de um passado que está mais próximo do nosso futuro que o ontem. Basta que os chamemos do seu sono, por um ato de amor e coragem. E talvez, repetirão o milagre da instauração de novos mundos”.*

Continues assim: comprometida!!! Espero que a minha presença junto a vocês durante o estágio tenha ajudado de alguma forma e, quem sabe, tenha ajudado a despertar o educador que existe dentro de vocês.

Desejo toda a felicidade e sucesso daqui pra frente!!! Parabéns pela formatura (se depender só de mim estás aprovada)!!!

Bem-vinda à Educação Física!!!

Mario Renato de Azevedo Júnior

Pelotas, 04 de dezembro de 2008.

## APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES, ENSINO,**  
**PROCESSOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS**

**Título:** Estágio supervisionado em Educação Física: significado para a formação docente dos egressos da FURG

**Pesquisadora:** Luciana Pereira Cardozo

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria das Graças Gonçalves Pinto

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)<sup>22</sup>

Eu \_\_\_\_\_,  
 RG nº \_\_\_\_\_ confirmo que fui esclarecido (a) sem qualquer constrangimento, sobre os objetivos da pesquisa acima referida bem como da forma de minha participação na mesma. Foi esclarecido ainda que:

- Minha participação nesta pesquisa é livre;
- O que falarei na entrevista será transcrito sendo as informações organizadas, analisadas e publicadas, em parte ou na sua totalidade;
- Meu nome não será divulgado, a não ser que eu autorize assinalando no espaço abaixo, indicado para isso.

<sup>22</sup> Instrumento elaborado por Luciana Cardozo.

- Durante o desenvolvimento da pesquisa poderei fazer contato com a pesquisadora pelo e-mail luzinha\_esef@hotmail.com ou pelo telefone (53) 8406-2221 para quaisquer esclarecimentos.
- ( ) Autorizo a divulgação do meu nome no(s) texto(s) referente(s) à pesquisa.
- ( ) Não autorizo a divulgação do meu nome no(s) texto(s) referente(s) à pesquisa.
- ( ) A divulgação ou não do meu nome no(s) texto(s) referente(s) à pesquisa, fica a critério da pesquisadora.

Assim, aceito fazer parte desta pesquisa e autorizo a utilização e divulgação dos resultados que envolvem minha entrevista.

Nome do (a) entrevistado (a): \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome da pesquisadora: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES, ENSINO,**  
**PROCESSOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS**

**Título:** Estágio supervisionado em Educação Física: significado para a formação docente dos egressos da FURG

**Pesquisadora:** Luciana Pereira Cardozo

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria das Graças Gonçalves Pinto

**ROTEIRO DA ENTREVISTA**

- Ano de ingresso e de conclusão do curso: \_\_\_\_\_

1- O que você entende por estágio curricular supervisionado (ECS)?

2- Como foram realizados os ECS no curso de Educação Física na FURG?

3- Qual a tua percepção acerca dos estágios curriculares supervisionados que realizastes no curso de licenciatura em Educação Física?

4- Quais os momentos dos estágios que foram mais significativos para você?  
Por quê?

- 5- Como foi a tua experiência de regência de classe durante o período dos estágios supervisionados?
- 6- Houve mudança na tua concepção de estágio após a tua experiência de regência de classe? Em caso afirmativo, quais mudanças? Caso negativo, por quê?
- 7- Houve mudança na tua concepção sobre o curso de Educação Física, após a tua experiência nos estágios? De que tipo? Quais? Por quê?
- 8- Houve mudança na tua concepção sobre o que é ser professor de Educação Física após a tua experiência nos estágios? De que tipo? Quais? Por quê?
- 9- Você acredita que o estágio contribuiu para sua formação? Em caso afirmativo, de que forma? Caso negativo, por quê?
- 10- Que análise você faz sobre a realização dos estágios supervisionados em diferentes níveis de ensino? Destaque as possíveis contribuições e limitações?
- 11- Você está atuando na área? O que significou realizar os estágios para a tua prática atual? Fez diferença? Não fez? Por quê?
- 12- Você gostaria de fazer mais algum comentário acerca dos estágios supervisionados que eu não tenha te perguntado?